



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE- PB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**CLAUDIANA FAUSTINO DE CASTRO**

**OS CORPOS DA NAÇÃO: ESCRITAS SOBRE O CORPO E A  
SEXUALIDADE FEMININA NAS PÁGINAS DO JORNAL *O RISO* (1911-1912)**

**CAMPINA GRANDE  
2018**

**CLAUDIANA FAUSTINO DE CASTRO**

**OS CORPOS DA NAÇÃO: ESCRITAS SOBRE O CORPO E A  
SEXUALIDADE FEMININA NAS PÁGINAS DO JORNAL *O RISO* (1911-1912)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação História Licenciatura da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

**Área de concentração:** História Cultural.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Cipriano.

**CAMPINA GRANDE  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C355c Castro, Claudiana Faustino de.  
Os corpos da nação [manuscrito] : escritas sobre o corpo e a sexualidade feminina nas páginas do jornal *O riso* (1911-1912) / Claudiana Faustino de Castro. - 2018.  
68 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano, Departamento de História - CH."  
1. Corpo feminino. 2. Sexualidade feminina. 3. Relações de gênero. 4. Pedagogia da sexualidade. I. Título  
21. ed. CDD 401.41

CLAUDIANA FAUSTINO DE CASTRO

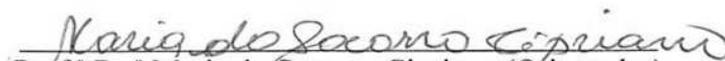
OS CORPOS DA NAÇÃO: ESCRITAS SOBRE O CORPO E A SEXUALIDADE  
FEMININA NAS PÁGINAS DO JORNAL *O RISO* (1911-1912)

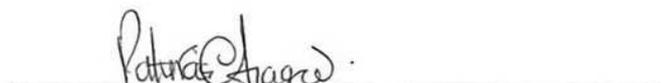
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação História Licenciatura da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

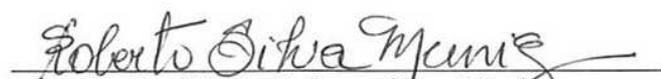
Área de concentração: História Cultural.

Aprovada em: 04/12/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Cipriano (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.<sup>o</sup> Me. Roberto Silva Muniz  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## DEDICATÓRIA

*Ao meu eterno anjo Calina (in memoriam), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força. Sinto-me feliz por saber que tem um anjo me guiando, te amarei para sempre!*

## AGRADECIMENTOS

A uma força divina que me ajudou a ter fé e enfrentar os percalços da minha vida dura como mulher, pobre e oriunda de uma família não instruída e da zona rural.

A minha prezada orientadora, *Maria do Socorro Cipriano*, que com muito amor me acolheu no jardim da academia. Neste jardim, ela me ensinou a sentir o doce perfume das conquistas e entender a dor dos erros. Se hoje eu sou uma pesquisadora e concretizo o sonho de me formar em História, foi graças aos seus ensinamentos. Obrigada pela orientação, dedicação, carinho e paciência em todos os momentos.

Aos meus professores e professoras do curso de Licenciatura em História da UEPB que contribuíram com esmero na minha formação, por meio de leituras e debates. Em especial a Banca Examinadora, *Patrícia Aragão* e *Roberto Muniz* por dedicarem-se à leitura e por compartilharem sua sabedoria ao colaborarem com esta Monografia.

Aos meus professores e professoras do ensino fundamental e médio. Sem dúvida, vocês foram minha base, agradeço por acreditarem em mim, por entenderem e perdoarem meus atrasos e cochilos na sala de aula, advindos do cansaço de uma trabalhadora do sisal. Em especial *Victor Rafael* e *Rozeane* por me despertarem o desejo de ser uma historiadora e sempre colaborarem na minha formação com dedicação.

A colega de curso *Virna Farias* pelo carinho e dedicação ao me apresentar o jornal *O Riso* e me ensinar a pesquisar em acervos *online*. Sem você, esta pesquisa não seria possível! Obrigado por estar sempre disponível a compartilhar seus conhecimentos!

A minha mãe *Claudeci*, embora com pouca instrução e temperamento fortíssimo, ensinou-me a ser responsável e lutar pelos meus objetivos. Se hoje sou uma flor resistente às adversidades da vida amarga, é porque me guiaste pelos caminhos certos. Obrigada por sacrificar todos os seus sonhos para que eu pudesse nascer e me tornar adulta! Talvez, não saiba, mas é uma flor guerreira!!!

Às minhas irmãs *Natália*, *Caliana*, *Calina* (*in memoriam*), *Rafaela*, *Natacha* e meu irmão *Rafael*, que me deram um motivo para lutar. É por vocês que eu carrego todo o peso de ser forte, e, em troca, vocês me dão o maior presente que eu poderia receber: o amor de irmão. Que todas as minhas conquistas sirvam de exemplo, amo vocês!!!

Aos meus avôs paternos e maternos, por encantarem meus ouvidos desde cedo com histórias fantásticas e preencherem com alegria as minhas lembranças mais doces.

A meu amor, *Luiz Fernando*, que me apoiou com amor e sabedoria em cada conquista e derrota. No jardim das coisas mais belas e amorosas, eu encontrei você para ser meu porto seguro. Obrigada por me ajudar a enfrentar as adversidades da vida, a traçar sonhos e me fornecer a possibilidade de ter um colo aconchegante após um dia cansativo.

A família do meu esposo por me dar o aconchego de um lar e a possibilidade de participar de uma família em que reina o respeito, a sabedoria e o amor: *Vó Maria, Vô Ataíde, Daguia, Luiz, Suzana, Sandra, Jacinta, Vera, Suely, Tatiane, Paulo, Pedro* e Moisés. As crianças: *Esthefany, Mirely* e *Luiz Henrique* por me mostrarem o lado doce da vida.

Aos meus padrinhos, *Dona Meca* e *José (in memoriam)*, por sempre me apoiarem com muito amor e sabedoria. Eternizo, através dessas palavras, minha gratidão por serem meus anjos protetores.

Aos meus companheiros e amigos que fiz ao longo do curso, em especial, *Pedro, Ana Amélia, Lucas* e *Renato*. Nos dias em que meu coração estava amargurado e meus sonhos pareciam impossíveis eram vocês que encontrava para irrigar o meu terreno fértil de sonhos e ambições acadêmicas!

Aos meus amigos *Lídia, Danilo* e *Veronice* pelos momentos felizes e de companheirismo. No jardim da vida, encontrei as flores mais embriagantes e viciantes que me ensinaram a reciprocidade e o valor de uma amizade sincera.

Aos meus colegas de trabalho pela torcida e compreensão nos dias difíceis. Em especial, *Adriana, Aline, Ana Cibele, Aroldo, Diego, Gabriela, Kalina, Karlene* e *Macielma* por tornarem o ambiente de trabalho sereno e agradável. Manifesto aqui minha gratidão pelos sorrisos e conversas agradáveis.

A *Rayssa, Amanda* e *Thaynar* pelas companhias agradáveis e discussões historiográficas.

A *Higor* por sempre consertar, com muito esmero e dedicação, as minhas desventuras digitais.

Por fim, agradeço a todos aqueles que tornaram esta monografia possível e me ensinaram através do seu carinho que em mim só cabe amor e sonhos!!!



Elle — Posso entrar ?

Ella — E se não foi para *entrar*, que veio cá fazer ?

## RESUMO

Esta monografia tem por objetivo investigar os discursos pornográficos acerca do corpo e da sexualidade feminina no jornal carioca *O Riso: semanario artistico e humorístico* (1911-1912). A análise visa entender como, num contexto de práticas culturais dentro do campo da sexualidade permissível por meio da ótica do sexo civilizado, moderno e limpo, emerge uma imagem de mulher branca como modelo de *mulher libertina* em detrimento da mulher negra. A partir do universo cultural carioca aparentemente controverso, o espaço da imprensa é tomado enquanto lugar de jogos de astúcias, de tensões, no qual as relações de gênero se inscrevem; espaço norteado por sistemas de sentidos e significados estabelecidos no meio social pelos discursos masculinos. Logo, o corpo feminino e sua sexualidade são tecidos através de relações de poder. Concentrada no âmbito da História cultural, a pesquisa viabiliza pensar os signos do moderno e do civilizado, no contexto do Rio de Janeiro nos primeiros anos de 1910, que permeavam os territórios do corpo e sexualidade feminina. Enquanto viés teórico-metodológico, nos apropriamos de autores como Michel Foucault e Guacira Louro (2000), especialmente para entender as pedagogias da sexualidade enquanto um conjunto de discursos e práticas minuciosas que visam moldar os corpos e a sexualidade.

**Palavras-chave:** Imprensa. Civilidade. Corpo. Libertinagem.

## ABSTRACT

This monograph has by objective investigate the discourses pornographics about body and sexuality feminine at the newspaper from Rio *The Laughing: artistic and humorous weekly* (1911-1912). The analysis aims to understand how, on one context historic of practices cultural inside the field of sexuality permissible through optics of sex civilized, modern, and clean, an image emerges of white woman as model of libertine woman to the detriment of the black woman. Since the carioca cultural universe apparently controversial, the space of the press is taken while place of games wiles, of tensions, in which the relations of genres subscribe; space guided by systems of senses and meanings established in social environment by discourses masculine. Therefore, the body feminine and your sexuality are fabrics through relations of power. Concentrated within the scope of cultural history, research makes it possible to think about the signs of the modern and the civilized, in the context of Rio de Janeiro in the early 1910s, which permeated the territories of the body and female sexuality. As a theoretical-methodological bias, we appropriate authors such as Michel Foucault and Guacira Louro (2000), especially to understand the pedagogies of sexuality as a set of detailed discourses and practices that aim to shape bodies and sexuality.

**Keywords:** Press. Civility. Body. Profligacy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Lista dos agentes do <i>O Riso</i> .....	29
<b>Figura 2</b> - Jane na capa de <i>O Riso</i> .....	30
<b>Figura 3</b> - Uma quase nudez!.....	31
<b>Figura 4</b> - <i>Elixir de Nogueira</i> .....	38
<b>Figura 5</b> - A mulher negra pelos olhos de <i>O Riso</i> .....	40
<b>Figura 6</b> – Sente-se bem aqui! .....	43
<b>Figura 7</b> - Formas abundantes .....	45
<b>Figura 8</b> - Algo muito cabeludo! .....	47
<b>Figura 9</b> - O <i>Mucusan</i> .....	52
<b>Figura 10</b> - Mulher e saúde.....	53
<b>Figura 11</b> - Beleza e juventude.....	55
<b>Figura 12</b> - O adultério feminino pelos olhos de <i>O Riso</i> .....	56
<b>Figura 13</b> - Graciosa dos Anjos .....	59
<b>Figura 14</b> - O corpo desejável .....	60
<b>Figura 15</b> - Beleza e prazer em <i>O Riso</i> .....	61

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Principais Jornais pornográficos em circulação entre 1898 a 1925.....	25
---	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Capas do jornal <i>O Riso</i> .....	29
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO I - PARA RIR E GOZAR: O JORNAL <i>O RISO</i> NOS MOLDES DA IMPRENSA CARIOCA PAUTADA NA MODERNIDADE</b> .....	19
1.1. Romances, leituras e relações de poder: a imprensa pornográfica brasileira no início do século xx.....	20
1.2. Nas páginas do jornal <i>O Riso</i> .....	26
<b>CAPÍTULO II - OS DOIS CORPOS DA NAÇÃO: O LIBERTINO E O GROTESCO.</b> .....	33
2.1. A emergência do gênero e do corpo na História.....	34
2.2. Mulheres negras: corpos perigosos e as relações sexuais incivilizadas.....	36
2.3. As damas da luxúria: civilidade e prazer .....	42
<b>CAPÍTULO III - FRONTEIRAS ENTRE O LEITO CONJUGAL E A SEXUALIDADE PERMISSÍVEL: SENHORAS DO LAR E <i>ELLAS</i></b> .....	49
3.1. Senhoras do lar e para o lar: virtuosas, meigas e dóceis.....	50
3.2. <i>Ellas</i> : belas, libertinas e civilizadas .....	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	63
<b>FONTES</b> .....	64
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65

## INTRODUÇÃO

Ao abrir as páginas do jornal *O Riso*, impresso na primeira década do século XX, os leitores, especialmente os que compunham o público masculino, degustavam em suas folhas os artigos sobre problemáticas políticas interligados às imagens de corpos sensuais de mulheres brancas e, ainda, se deparavam com cenas e textos tidos como pornográficos para a época. Como pensar o corpo feminino modelado na imprensa carioca no início do século XX, se ele é inscrito no sistema de valores e relações de poder? Quais relações estabelecidas entre as imagens produzidas por esse jornal e o projeto republicano de civilidade e modernidade para a época? Quais modelos de mulheres estavam autorizadas a expor a nudez de seus corpos e viver a sexualidade libertina?

Para responder tais inquietações, é preciso considerar que estes discursos pornográficos foram construídos a partir de relações de força que refletem em uma ótica de práticas culturais aceitas, por sua vez, num contexto de ascensão da burguesia e da emergência da modernidade carioca. Esta pesquisa tem como recorte temporal e espacial a cidade do Rio de Janeiro nos anos 1911-1912, período da circulação do jornal *O Riso: semanario artistico e humorístico*<sup>1</sup>, com objetivo de problematizar como o corpo e sexualidade feminina das mulheres artistas brancas e/ou francesas foram postas como portadoras de um corpo civilizado, moderno e limpo a fim de produzir uma pedagogia sexual para os homens modernos.

O projeto de construção de uma sexualidade permissível está engajado em uma trama interessada e racista ao construir um estereotipo de corpo semelhante ao processo de modernização pautado nos moldes franceses. Limitar-nos-emos a utilizar o período que compreende o Jornal sob domínio da tipografia Rabello Braga, (nº 1 ao nº 46), por consideramos o momento de consolidação dentro do perfil “humorístico/erótico” no mercado editorial pornográfico da época através de diversas colunas que incitam o corpo e sexualidade da mulher branca. Além disso, a concentração de mulheres nuas na capa e a criação do álbum de fotografias de mulheres nuas no *Suplemento* de *O Riso* nos permitem pensar o corpo feminino inscrito e desenhado nas páginas do jornal.

---

<sup>1</sup> O jornal encontra-se no acervo *online* da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

A história desta monografia tem como ponto inicial o contato com jornais pornográficos<sup>2</sup>, que se deu a partir de uma suscita pesquisa no acervo *online* da Biblioteca Nacional do Brasil e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Na ocasião, deparei-me com o jornal *O Riso: semanario artístico e humorístico* e, ao observar como suas tramas políticas se relacionavam com um cenário humorístico e pornográfico, ele prendeu minha atenção.

O que a princípio era apenas uma curiosidade em saber mais sobre esse tipo de periódico, minhas investigações iniciais fizeram emergir outras questões, especialmente aquelas relativas às questões sobre o corpo feminino e as questões raciais de época. Nessa perspectiva, comecei a indagar: como, no começo do século XX, foram se configurando os discursos sobre o corpo e a sexualidade no referido periódico, considerando a correlação entre o sistema de valores dessa sociedade da *Belle Époque* e um contexto histórico singular face às étnico-raciais? Como entender essa enxurrada das imagens de mulheres brancas relacionando à pornografia que aparecem no jornal em estudo, quando o país tem um histórico de erotização do corpo da mulher negra? Como entender as fronteiras morais e sociais entre as mulheres honradas e as mulheres libertinas?

Os discursos não devem ser entendidos como verdades absolutas e neutras, pois são frutos de construções sociais e políticas engajadas em uma teia de interesses tecido pelas relações de poder. Os historiadores devem estar preocupados em compreender por que e como certos discursos são legitimados como verdades em detrimento de outros. E como afirma Michel de Foucault (2014), a construção dos discursos tem o intuito de regular certas ‘verdades’ em detrimento de outras a fim de reproduzir ideologias e atender a interesses políticos correlacionados com as relações de poder.

Metodologicamente, utilizaremos o conceito de enunciado elaborado por Foucault (2008), definido como a unidade elementar que permite que os signos e as regras se atualizem na formulação dos discursos:

Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma **função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não**. O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é **uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em**

---

<sup>2</sup> Através do minicurso “Pesquisa com uso de fontes jornalísticas” organizado por mim e pela minha colega Virna Farias, apresentado através do curso de extensão “Saberes regionais, História Local e Memória”, na Universidade Estadual da Paraíba (2016).

**seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).** (p.97-98). Grifos nossos.

O conceito que norteia nossa pesquisa, *pedagogias da sexualidade* de Guacira Louro (2000), é definido como um conjunto de discursos e práticas culturais que ensinam, moldam e regulam as práticas e desejos sexuais de forma a constituir identidades de gênero e sexualidade, criando um sistema de referência: normatividade. Para completar a ideia de uma sexualidade permissível, utilizaremos a concepção de *libertinagem* elaborado por Adauto Novaes (1996) ao estudar a literatura e filosofia libertina do século XVIII: a libertinagem é definida em relação ao libertino que é um contestador dos costumes e da moral, e além disso, utiliza de uma série de estratégias para deter e pregar a liberdade sexual e intelectual através do erotismo e/ou pornografia nos seus escritos.

Nossa pesquisa está ancorada na História cultural por entender que “Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.” (PESAVENTO,2005, p.15). E logo, entendemos que o corpo e a sexualidade assim também como é operacionalizado na imprensa pornográfica se dá através de relações de gênero regidas pelos sentidos e símbolos que são empregados. Segundo Robert Darnton (1996, p.21): “o sexo não é apenas um tema, mas também um instrumento para rasgar o véu que cobre as coisas e explorar seu funcionamento interno.”

Assim, para além da historiografia relativa ao tema e do jornal enquanto fonte básica e já anunciada para esta pesquisa, também utilizarei como suporte para entender a linguagem da imprensa pornográfica *O Dicionário de Bocke*<sup>3</sup>, organizado por José Ângelo Vieira de Brito, que assinava com o pseudônimo de Bock<sup>4</sup>, publicado em 1903, pela Tipografia Rabello Braga — a mesma que publicou *O Riso*.

O primeiro capítulo, **Para rir e gozar: o jornal *O Riso* nos moldes da imprensa carioca pautada na modernidade**, está sistematizado em dois tópicos: 1- 1.1- **Romances, leituras e relações de poder: a Imprensa pornográfica brasileira no início do século XX;** 2- **Nas páginas do jornal *O Riso***. O Primeiro destina-se a uma revisão historiográfica sobre as recentes e importantes discussões sobre a imprensa pornográfica no início do século XX, o segundo tópico é a apresentação do jornal, discorrendo sobre traços técnicos de sua feitura e

<sup>3</sup> O dicionário encontra-se no apêndice do livro: PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

<sup>4</sup> Sobre essa questão, ver: PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

circulação. Conforme o exposto, o capítulo se materializa na revisão bibliográfica e análise e descrição da fonte historiográfica operada.

O segundo capítulo, **Os dois corpos da nação: o libertino e o grotesco**, está dividido em três tópicos: 1- **A emergência do gênero e do Corpo na História**; 2- **Mulheres negras: corpos perigosos e as relações sexuais incivilizadas**; 3- **As damas da luxúria: civilidade e prazer**. Este segundo momento do texto visa estudar o jornal *O Riso* como um *educador* das práticas sexuais por meio dos discursos de uma sexualidade permissível. Serão investigados como o corpo das mulheres brancas, especialmente as artistas e prostitutas, será forjado como um corpo libertino e desejado em oposição ao corpo da mulher negra. E assim, criando uma identidade sexual pautada na mulher branca afrancesada, que refletia o desejo de um branqueamento da sociedade brasileira. Este capítulo baseia-se especialmente nas fontes escritas e visuais.

O terceiro capítulo, **Fronteiras entre o leito conjugal e a sexualidade permissível: senhoras do lar e *Ellas***, se organiza em: 1- **Senhoras do lar e para o lar: virtuosas, meigas e dóceis**; 2- ***Ellas*: belas, libertinas e civilizadas**. Esse último momento do texto se materializa na necessidade de pensar o corpo do desejo da mulher branca e/ou francesa para fins de satisfação sexual, e em oposição a este, construir o corpo e a sexualidade da mulher casada como sinônimo de procriação, criando fronteiras morais e sociais entre estas mulheres. Esse capítulo norteia-se por meio das fontes escritas e iconográficas.

**CAPÍTULO I - PARA RIR E GOZAR: O JORNAL *O RISO* NOS MOLDES DA IMPRENSA CARIOCA PAUTADA NA MODERNIDADE**

*O RISO*



*Evohé*

*Evohé! Que o aereo champagne estoure e que bacchantes  
Venham mias cantar hy nos de goso e amor,  
Tilintem taças, sus ! beijos vibrem cantantes  
Em lábios sensuaes, cheios de vida e ardor.*

*Ave, Baccho ! Anda Musa. enche tudo de flor,  
Vem Cupido ferir com settas lancinantes,  
Corações para o Goso e este ardente licor  
De beijos, que envenene os meus lábios estuantes.*

*Baccho ! Momo ! Cupido ! Essa trindade ideal  
Que venha me trazer um goso sem igual,  
Numa infrene loucura, a minh'alma assim quer.*

*Evohé, Amor! Evohé, Folia! Ave, Loucura!  
Emquanto a taça espuma o riso são perdura;  
Ave, Amor e Prazer, Vinho, Aroma e Mulher.*

*Humot.*

*(O Riso, 14/09/1911, nº 17, p. 16)*

Este primeiro capítulo tratará de uma revisão historiográfica sobre as recentes e importantes discussões sobre a imprensa pornográfica no início do século XX. Além disso, uma descrição discorrendo sobre traços técnicos da feitura do jornal *O Riso*.

### **1.1. Romances, leituras e relações de poder: a Imprensa pornográfica brasileira no início do século XX**

Discorrer sobre a imprensa no Brasil é transitar em territórios das relações de poder por se desdobrar em questões de cunho nacionalista, sexista e racista que constituíam o cenário brasileiro nas primeiras décadas do século XX. São ideias que nortearam projetos para a sociedade brasileira e que perpassavam várias esferas de conhecimento. A imprensa, enquanto um lugar de escrita que se revela como um campo das estratégias<sup>5</sup>, em que os discursos são devidamente selecionados para legitimar os interesses políticos e ideológicos de uma instituição e/ou um grupo social desejos de uma identidade elitizada e que pretendia diferenciar-se dos negros e/ou do que eles representavam enquanto raça perigosa para aquela sociedade. Seja como for, a imprensa brasileira se desenhou por meio de relações de força.

De acordo com Nicolau Sevcenko (1998) o Rio de Janeiro, grande centro urbano do início do século XX, sofreu uma mudança significativa no âmbito urbano e nos comportamentos através da ótica da modernidade. O cenário era eufórico marcado pelos discursos higienistas dos médicos, a preocupação com a modernização das zonas urbanas e com a aquisição dos produtos tidos como ‘modernos’ por meio da *ética da limpeza, saúde e beleza*. Assim como também pela efervescência e impacto dos meios de comunicação na sociedade carioca. Invenções como o automóvel, o bonde elétrico, o telefone, o telégrafo, a energia elétrica, o gramofone, os cinematógrafos eram considerados sinais de progresso e civilização.

De acordo com Barbosa (2010), a capital federal<sup>6</sup> passou por um processo de reforma urbana, com a finalidade de tornar a cidade moderna nos moldes europeus: novas avenidas, novos prédios, novas praças e novas ideias de vida baseados na civilidade e progresso. No

---

<sup>5</sup> Michel de Certeau (1998) compreende que a escrita se revela como um campo das práticas de estratégias, esta entendida como um cálculo das relações de poder que são estabelecidas a partir do momento que um sujeito detém o poder e exterioriza.

<sup>6</sup> De acordo com Crespo (2015) o Rio de Janeiro foi a capital federal do Brasil durante os anos de 1763-1960.

período trabalhado, os governantes, a elite, os jornalistas e médicos estavam engajados no projeto de saneamento, urbanização e modernização do Rio de Janeiro. Um dos monumentos mais expressivos da modernidade carioca foi a inauguração da Avenida Central, ocorrida em 1910. A modernização era vista pela elite como um projeto crucial para a capital federal a fim de construir um ideal de civilização, concretizada em grandes obras e na remodelação de hábitos e costumes, e por outro lado, desejava-se derrubar tudo que lembrava o atraso colonial.

Guimarães (2012) salienta que além do fim da escravidão e a instauração da República, é preciso considerar a imigração da mão de obra europeia, a mudança das camadas dirigentes e o crescimento demográfico de algumas regiões. A capital federal assistiu ao fluxo de migração nacional e estrangeira, que fomentaram o crescimento demográfico e a própria propagação de ideais e novidades advindas da Europa, em especial, da França.

Em consequência do caldeirão de novidades tecnológicas no Brasil advinda da Europa, a imprensa se beneficia, modificando-se de imprensa artesanal para a produção empresarial em grande escala. Isto, já anunciava a mudança de um novo tempo: logo, a imprensa no Brasil, em especial na capital, o Rio de Janeiro, alavancaria o cotidiano dos cariocas, norteando seus hábitos e costumes. Para a historiadora Marialva Barbosa:

Os últimos anos do século XIX anunciavam drásticas transformações. Envolvido pela ideologia do progresso, que iguala a ideia do novo à civilização, comparando-a com atitudes europeias, notadamente francesas, o Rio de Janeiro se cobre não apenas de cenários de concretos que anunciavam o novo tempo, como também dos ecos dos jornais e revistas que disseminam pelo quatro cantos o discurso de modernização. (2010, p.119).

Segundo Barbosa (2010), O Rio de Janeiro enquanto núcleo comercial e industrial, com a maior rede ferroviária nacional e contingente populacional, possuía as condições necessárias para o florescimento de uma imprensa moderna e qualificada. A capital vive a inserção no mundo material e simbólico da modernidade, e é através desse movimento que a imprensa carioca pode se desenvolver de maneira significativa. E é a partir do final dos anos 1880 que os jornais assumem uma nova configuração com melhoramentos técnicos, em razão da modernização: aumento de tiragens, melhor qualidade gráfica e melhor custo, favorecendo uma ilustração diversificada e aprimorada através de charges, caricaturas e fotografias com novas formas e cores que alimentaram os desejos e interesses de uma elite interessada no progresso civilizador.

Conforme Guimarães (2012), no início do século XX, a imprensa assume uma faceta mais modernizada através de novas técnicas, a utilização do telefone e do telégrafo, de novas

máquinas de impressão, uma nova rede de transportes e de distribuição. Pois se as máquinas industriais irão aprimorar e aumentar a produção da imprensa na *Belle époque* brasileira, o telefone e telégrafo se tornaram cruciais veículos de circulação de dados para a publicação de notícias e novidades. Em movimento semelhante, os trens levarão as notícias mais quentes aos destinatários mais longínquos já que as linhas férreas eram a principal forma de distribuição dos periódicos.

Guimarães (2012) ainda pontua que havia uma hegemonia cultural francesa no século XIX, tornando a França um *centro cultural mundial*. Entre França e Brasil ocorre o processo de transferências culturais nos diversos segmentos da literatura, da educação, da arquitetura, do urbanismo, do teatro, da moda, e também das formas de sociabilidades, de comportamentos, de ideias e de valores culturais franceses. A articulação entre as culturas francesas e brasileiras encabeçadas pela *Belle Époque* contribuiu para a construção de uma identidade pautada em combinações de ideias francesas com o projeto republicano brasileiro de civilização. A imprensa foi um crucial meio de propagação desses valores, tornando-se um *mediador cultural*.

Para Barbosa (2007), os jornais eram responsáveis por difundir os produtos e as ideias da nova cultura burguesa que tende a se afirmar no cenário brasileiro, sobretudo no eixo São Paulo e Rio de Janeiro. É iniciado um movimento de propaganda incessante da modernização pela elite. Serão nas páginas da imprensa que serão valorizados os discursos políticos e medico-higienistas, que tinham como objetivo difundirem essa ótica de civilização assim como também disseminarem os símbolos da modernização.

Os jornais e revistas anunciam a civilização e as diferentes práticas de uma sociedade em busca de progresso e eles se tornam os porta-vozes de discurso de modernização, devido a rapidez e legitimidade de suas narrativas, valorizando e justificando a ideologia do progresso para enquadrar os desordenados e os incivilizados. Utilizaram-se de diversas linguagens textuais e imagéticas para disseminar os símbolos do progresso e civilidade aos heterogêneos leitores.

O crescimento e a diversificação do mercado editorial assentaram-se no tripé da florescente economia urbano-industrial, em combinação com a modernização técnica e a ampliação com o mercado leitor. Se o índice de analfabetismo era muito alto no início do século passado, apesar dos esforços no sentido de letramento, um ideal caro aos republicanos, a conjuntura socioeconômica faz com que o número de leitores se amplie. (COHEN, 2015, p. 104-105.).

Quanto ao índice de alfabetização é preciso ressaltar que, na passagem do século XIX para o século XX, há uma mudança significativa no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, devido as

fontes franceses que injetam o progresso materializado na alfabetização. Guimarães (2012) afirma que no Brasil:

Não mais de 16% dos habitantes são considerados alfabetizados em 1890. Em 1900 este número sobe para 25% em 1920 permanece o mesmo. No eixo Rio de Janeiro/São Paulo, a situação é diferente. No estado de São Paulo é de 35% o número de alfabetizados em 1900 com idade superior a quinze anos. Na capital, cerca de 60% das pessoas sabiam ler em 1920. E no Rio de Janeiro, em 1906, cerca de 50% das pessoas eram alfabetizadas. (p.135-136).

Lembrando também que mesmo havendo um número considerável de analfabetismo não anula a possibilidade de leituras plurais e leitores múltiplos, já que os jornais poderiam ser lidos em voz alta em rodas noturnas familiares. (BARBOSA, 2010.).

Pensar a imprensa no Brasil infere considerar o engajamento político e cultural que está inserido no contexto histórico específico, pois, as publicações evidenciam as raízes políticas da atividade jornalística, já que esta constituiu-se sempre a partir de lugares e grupos de interesse que viam a imprensa como meio de propagação de ideais e valores totalmente parciais e políticos (COHEN, 2015). O movimento de publicar na imprensa era visto como instrumento de legitimação de discursos progressistas e civilizadores para constituir uma República brasileira “afrancesada”, pautada na modernização em termos de materialidade e práticas culturais. Logo, as práticas culturais serão modificadas a partir da ótica do consumo de produtos considerados modernos, a vista que as propagandas vinculadas irão atender o consumo do progresso e civilidade.

É possível afirmar que ela [a imprensa] constrói e dá sentido à complexidade do real, atribuindo valores positivos ou negativos ao momento vivido. Assim, a produção do espaço urbano assume nas publicações um papel expressivo, na medida em que materializa o almejado “progresso”, modificando hábitos, costumes e estilos de vida. (COHEN, 2015, p.112.).

Face a todas essas mudanças, a fotografia que também passa ser impressa nos jornais e revistas só vem potencializar esses signos da modernidade. Registrando os momentos rotineiros e ela própria se constituindo enquanto uma novidade que passara agora a fazer parte do mundo moderno. A fotografia na imprensa revelava uma mudança significativa por ser um efeito da consolidação das tecnologias e por mudar gradativamente as capas das revistas e as propagandas. O ideal de “modernidade” se manifestava também através de novos hábitos, ligados à consolidação de tecnologias e de profissionais a elas vinculados. Para Barbosa (2007) a fotografia como recurso jornalístico é vista como uma nova roupagem ilustrativa em busca de fortalecer as ideias propagadas nos jornais assim como também atinge os leitores analfabetos e semianalfabetos.

No diversificado mercado editorial, surge o setor pornográfico que atrai uma série de leitores interessados nas emoções dos prazeres sexuais. Ao acessar essas literaturas é preciso considerar o que afirma Darnton (1996): o sexo é um tema bom para se pensar devido a sua materialidade na vida cotidiana, pois as leituras de documentos sobre sexo podem nos revelar seus pressupostos, valores e códigos sociais e morais, evidenciando que as práticas sexuais são construídas culturalmente, essencialmente quando aparecem em piadas maliciosas e romances eróticos.

Conforme Alessandra El Far (2004), a imprensa pornográfica conquistou os leitores brasileiros através de uma leitura instigante que muitas vezes se utilizava do humor malicioso ou de uma linguagem poética. Na concepção da época, os livros que despertavam desejos ou sentimentos que conduziam a caminhos opostos com a moralidade pública eram considerados imorais e pornográficos.

As primeiras revistas de nus femininos apareceram na França e continha imagens de artistas — em sua maioria saídas de teatro burlesco e de bordéis — que eram usadas como modelos. Elas posavam nuas ou seminuas no interior das páginas ou nas capas. Embora nos dias de hoje possam parecer ingênuas, tais fotos traziam escândalo na época. (PRIORE, 2014, p. 130).

Segundo El Far (2004), no século XIX, os periódicos pornográficos que faziam sucesso na França e/o Europa eram traduzidos do francês e disseminados entre o público carioca. Entre o final do século XIX e início do XX, a imprensa brasileira começa a apostar no gênero. Os principais preceitos destas obras consistiam em apresentar uma sequência variada de descrições de relações sexuais e isto pontua as fragilidades das normas sociais e religiosas bem como convidar o leitor a buscar os caminhos do prazer, geralmente a masturbação.

Os romances eram variados, mas, na maioria das vezes, descreviam casos de adultérios, incestos, homossexualismo e prostituição. Estas obras geralmente eram imbuídas de cunho humorístico com finalidade pornográfica destinada exclusivamente aos homens, por estes serem capazes de “provar os prazeres sem se desviar”. (EL FAR, 2004, p.199). Para a concepção da época, era inapropriado para uma mulher ler os “romances para homens” por serem considerados desviantes da moralidade pública e da família.

El Far (2004) frisa que até a década de 1920, o Brasil não possuía uma proibição com caráter legal para a confecção e circulação das obras pornográficas. O que existia eram instituições ou ordens que agiam por conta própria para tentar proibir a circulação destas obras, como em 1912, surge a *Liga Anti-pornográfica*, e que mais tarde em 1917, transformou-se em

a *Liga pela Moralidade* com o propósito de combater a imoralidade que afetava os princípios católicos da família e maternidade.

A imprensa pornográfica também se beneficia do apogeu do mercado editorial carioca devido ao avanço rumo à modernização, recorrendo a uma qualidade gráfica que permitiu o maior número de tiragens e a qualidade nos recursos imagéticos como a fotografia, ampliando o vasto mercado que explorava conteúdos sexuais para: romances, álbuns ilustrados e jornais (EL FAR, 2004). Os leitores eram seduzidos pelas páginas quentes que lhe conduzia aos delírios e prazeres proibidos na vida social:

Nos livros reservados somente ao público masculino, de modo semelhante, cada aventura demarcava o desmoronar de preceitos sociais, familiares e matrimoniais tão caros àquela época. Aos olhos do leitor, acostumado a uma realidade mediada por rígidas convenções sociais e pelos severos laços de obediência, parecia ser extremamente atraente inteirar-se de histórias comprometidas em explorar as brechas e fragilidades da ordem cotidiana. ” (EL FAR, 2004, p.18-19.)

Os romances pornográficos foram frutos de contextos históricos determinantes nas ideias propagadas neste tipo de imprensa. El Far (2004), ao analisar as obras *A Mulata*, de 1896, e *Um homem gasto*, de 1885, percebera que estes foram utilizados como porta-vozes de discursos científicos e discriminatórios da época, já que reafirmava estereótipos já disseminados no Brasil oitocentista.

A imprensa pornográfica brasileira conquistou uma considerável expressividade leitores, não ficando alheios nas livrarias, é tanto que El Far (2004) afirma que a lista de títulos de obras pornográficas que circularam no Brasil é extensa. A maioria da imprensa do gênero surgiu em forma de jornais e/ou revistas artísticas. (PRIORE, 2014). A tabela abaixo demonstra os principais jornais pornográficos entre 1898 e 1925:

**Quadro 1** - Principais Jornais pornográficos em circulação entre 1898 a 1925.

Jornal	Editor	Denominação	Local	Periodicidade	Período de circulação	Temáticas
<i>Rio Nu</i>	Heitor Quintanilha, Gil Moreno	Cáustico e Humorístico <hr/> Humorístico e ilustrado*	Rio de Janeiro	Semanal <hr/> Bissemanal*	1898-1916	Erótica, humorística, polêmicas e críticas políticas e

	e Vaz Simões	*A partir do nº 33		*A partir do nº 33		sociais, cenário cultural.
<i>O Nabo</i>	Frei Nabiça e Frei Maxixe	Órgão humorístico, caustico, debochativo e noticioso	Rio de Janeiro	Semanal	1900	Erótica, humorística, críticas políticas e sociais.
<i>O Coió</i>	?  Rebello Braga*	Ilustrado e humorístico	Rio de Janeiro	Semanal  Bissemanal*	1901-1902	Erótica, humorística, polêmicas e críticas políticas sociais, cenário cultural.
	*A partir do nº 61/1902			*A partir do nº 61/1902		
<i>O Riso</i>	Rebello Braga e A. Reis & C.* * A partir do nº 47/1912	Artístico e humorístico	Rio de Janeiro	Semanal	1911-1912	Erótica, humorística, polêmicas e críticas políticas e sociais, cenário cultural.

Fonte: (AZEVEDO, 2015, p. 102)

A partir deste quadro percebemos que nenhum jornal se autodenomina pornográfico/erótico, mas que tece temáticas eróticas associadas a humorísticas. Porém, para o contexto histórico, esta imprensa operava no campo da pornografia já que escandalizavam a moral por dissertar sobre vários temas da sexualidade e estampar fotografias de mulheres nuas. Além disso, como afirma Michel de Certeau (1982) os historiadores dialogam com seus pares, e a historiografia que tratou de estudar esses periódicos denomina-os como pornográficos<sup>7</sup>. Logo, abordaremos *O Riso* como um jornal pornográfico.

## 1.2. Nas páginas do jornal *O Riso*

<sup>7</sup> Conferir os trabalhos de: (PEÇANHA, 2013); (PEREIRA, 1997).

O Jornal *O Riso: semanario artistico e humorístico* circulou semanalmente no Brasil durante os anos de 1911 e 1912, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, sob o regime político da Nova República cujo presidente era Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914). O jornal se insere no contexto histórico de ascensão burguesa carioca, crescimento do capital, a ampliação e consolidação de um mercado editorial brasileiro que refletia tanto no melhoramento das publicações como nos investimentos de máquinas tipográficas mais modernas acarretando um mercado mais propício a imprensa, em especial a imprensa pornográfica que investiu num mercado consumidor mais amplo e com diversas publicações voltadas ao público masculino, que já vinha crescendo desde o século XIX, mas que fora intensificado com a inserção das tecnologias. (EL FAR, 2004).

Segundo Azevedo (2015), O jornal *O Riso* se destacou no campo da imprensa pornográfica com uma periodicidade interrupta e a utilização dos mais modernos recursos de impressão para divulgar seus temas. *O Riso* se torna um periódico de boa aceitação do público e uma considerável vendagem.

O proprietário da revista era Rebello Braga com a sede na Rua da Alfandega, nº 182, e a partir do número 47<sup>8</sup>, de 11 de abril de 1912, a propriedade fica sob comando de A. Reis & C., mudando de endereço da redação para a Rua do Rosário, nº 99. Inicialmente, com uma tiragem de 15.000 exemplares, ao custo de 200 réis o exemplar avulso, o número atrasado custava 300 réis. A assinatura anual, na capital, custava 10\$000 e no exterior 12\$000. A partir do nº 60, o jornal aumenta sua tiragem para 19.000 exemplares, porém encerra sua trajetória no nº 80.

Na sua feitura, o jornal tinha uma média de 16 a 22 páginas impressas articuladas entre linguagens textuais e imagéticas. O jornal *O Riso* frisa que a confecção era realizada com o material refinado, vindo da Europa. Demonstrando a preocupação em oferecer ao leitor um material fino, como podemos observar na descrição abaixo:

#### ATENÇÃO

Não havendo mais papel *couchet* no Mercado somos forçados a dar todo o nosso jornal em papel assetinado até que chegue da Europa a nossa encomenda, o que esperamos ser durante o próximo mez de Outubro. (*O Riso*, 1911, nº18, p. 01).

---

<sup>8</sup> De acordo com *O Riso*, edição nº46, a propriedade é de Rabello Braga com o endereço Rua do rosário, nº 99, “Prevenimos aos nossos agentes caríssimos leitores e amigos que *instalamos nossa redação á rua do Rosário n. 99, sobrado*, onde continuaremos a receber suas estimáveis ordens”. (*O RISO*, nº46, Anno II, p. 3 ). No próximo número, a propriedade está sob o domínio de A. Reis & C, e a nota lançada é “A Redacção do *O Riso* acha-se installada á rua do Rosário, 99, sob.” (*O Riso*, nº 47, Anno II, p.4 ).

Os assuntos do mundo artístico, político e da prostituição se articulavam para divulgar contos de adultérios, poemas de amores e aventuras sexuais, denunciava escândalos sociais e políticos, notícias do teatro, atrizes que escandalizavam a moral vigente, expor fotos de mulheres com estereótipo francês. Dentre as diversas colunas que alimentaram o jornal por significativo tempo, podemos destacar algumas como: *chronica*, *sextas e serões*, *bastidores*, *correspondencia*, *trepações*, *Sonetizando*, *Courreie de Ia Mode*, *cartas de leitores*, *Ellas*, o romance *Fita Queimada* e o romance *As aventuras do Rei Pausolo*.

Natalia Peçanha (2013) ressalta que os temas recorrentes do Jornal *O Rio Nu*, contemporâneo do *O Riso*, estavam relacionados com o teatro, um lugar de sociabilidade do homem moderno e civilizado. Assim, como também era um lugar propício a aventuras amorosas, já que na concepção da sociedade, as atrizes eram mulheres frívolas, dadas aos prazeres carnais, assim como as prostitutas.

A finalidade do jornal é apresentada no seu periódico nº1, ao declarar que a grande preocupação era com a estética e com o bom humor, tratando também da beleza em todas as manifestações. O que pode ser interpretada como estratégia por trata de tema tão polêmicos como tramas políticas e pornográficas.

Trataremos de cousas inúteis, do supérfluo, que, na opinião de muita gente bôa é o mais necessário á existência. Nossa preocupação, nosso programma é todo de esthetica e bom humor. Sem ódios e sem paixões, tendo por único *parli-pris* o de rir de tudo e de todos — de nós mesmos quando fôr preciso— tendo por único rumo a Belleza em todas as suas manifestações, apresentaremos ao publico o lado bom, o lado jovial dos acontecimentos, buscaremos em todos os factos o ridículo para nossa maior alegria. (1911, nº01, p. 01).

Para termos uma ideia da abrangência de sua circulação, a partir da edição nº36, o jornal divulga uma lista dos agentes espalhados pelo Brasil, inclusive o Sr. Estevam Gerson na Parahyba do Norte, atual capital João Pessoa/Paraíba, demonstrando a circulação nacional e que os jornais pornográficos/eróticos estavam nas bancas brasileiras sem uma censura eficaz<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> El Far (2004) salienta que a censura aos impressos pornográficos estavam na esfera da moralidade, não havendo uma punição aparada na lei. E as proibições eram especialmente para as mulheres, consideradas frágeis e dada aos desejos provocados pelas leituras, tanto na exclusão do mercado editorial assim como as publicações vinham com um aviso importante “leitura para homens”, “romances para homens”.

Figura 01 - Lista dos agentes do *O Riso*

**São nossos agentes os seguintes Srs :**

Antonio D. Maria.....	S. Paulo
Almeida & Irmão.....	Bahia
Antonio Basilio.....	Dois Corregos
Artiquilino Dantas.....	Camp <sup>a</sup> .Grande
Adelino Azevedo.....	Barbacena
Alvaro S. Felipe.....	Uberaba
Amaro Cavalcanti Albuquerque	Ceará
Alberto Barboza.....	Jahú
Caruso & Zeppa.....	Barra do Pi- rahy
Domingos Palmieri..	Entre Rios
Estevam Gerson.....	Parahyba do Norte
Felippe Paulo.....	Victoria
Fr. Ankhieta.....	Maranhão
Gil Magalhães.....	Caxambú
Hilario Gomes.....	Cidade do Rio Grande
José Paiva Magalhães.....	Santos
José Agostinho Bezerra.....	Pernambuco
J. Cardoso Rocha.....	Paraná
Jacomo Alluotto & Irmão....	Bello Hori- zonte
José Martins.....	Pará
Luiz Zappa & Irmão.....	Lorena
Luiz Zappa.....	Cruzeiro
Livraria Central.....	Porto Alegre
Odorico Maceno.....	Rio Negro
Rodrigues Vianna.....	Aracajú

Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 25/01/1912, n° 36, Anno II, p.2)

Apesar do jornal se definir como humorístico, o tema pornográfico/erótico era uma constante nas suas páginas, tendo em vista que se caracteriza pela impressão de fotografias de atrizes e dançarinas nuas, principalmente de origem francesa. *O Rio Nu* utiliza a fotografia de mulheres nuas desde 1908, e o mesmo modelo tipográfico aparece em maio de 1911 no *Riso*. Segundo Mary Del Priore (2014, p.130), a utilização da fotografia na imprensa pornográfica permitiu que fosse consumida por um considerável público, tornando-se “mais acessível quantitativa e financeiramente do que jamais fora. ”

Tabela 1 - Capas do jornal *O Riso*

	fotografia de nudez	fotografia com roupa	Gravura	gravura político/social
Nn°	1 ao 4	06 ao 12	17 ao 19	20 ao 23
	13 ao 16		24	25 ao 32
	34	-	33	35
	36	-	-	-
	-	-	-	37
	38 ao 71	-	-	-
	-	72 ao 80	-	-

Fonte: (AZEVEDO, 2015, p. 78). [adaptada]

Como a tabela demonstra, o recurso fotográfico de mulheres nuas nas capas torna-se uma determinante do perfil do jornal. Compondo a maioria das edições, as atrizes são estampadas na capa, a fim de difundir uma beleza pura através do nu de belos corpos brancos, lisos e sem pelos e afrancesados. Abaixo a fotografia da atriz parisiense Jane Delyane. Desinibida, ela pousa livremente diante do olhar do expectador:

**Figura 02** - Jane na capa de *O Riso*



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 01/06/1911, n.º02, Anno I, capa)

O impresso investe em gravuras políticos - sociais que abordam as crises políticas e sociais através do viés do corpo e sexualidade feminina. Também é notável que Rebello Brava explorava o sexo e a nudez através das gravuras, como o exemplo abaixo, em que a cena é composta por uma mulher completamente nua, não fosse pela folha cobrindo o sexo (tal como Eva no Paraíso). Através da porta entreaberta do quarto, nota-se uma cômoda com espelho e parte de uma jarra de água; o homem vestido respeitosamente que se esgueira pela brecha aberta encontra o sorriso da mulher, que não parece estar ofendida pela aparente intromissão. A cena sugere um encontro marcado para o sexo? Ou uma libertinagem casual, porém, agradável para ambos?

**Figura 03** - Uma quase nudez!



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 21/09/1911, nº18, Anno I, capa.)

De acordo com nossa pesquisa, a partir nº 6 há uma mudança perceptível: é fornecido aos leitores um de álbum de fotografias de mulheres brancas nuas, denominado *Suplemento d'O Riso*. Poses eróticas de mulheres do mundo artístico ou da prostituição<sup>10</sup>, em todo caso, na maioria das fotografias, estas se apresentam no perfil tipicamente francês: corpo lascivo, pele branca e cabelos curtos. Na seção *Ellas*, em *O Riso*, é apresentado ao leitor as mulheres mais belas do âmbito público, em sua maioria, artistas, prostitutas e mulheres dadas as aventuras amorosas e sexuais.

Trazia alguns romances folhetins denominados “romances joviais” para designa leituras eróticas, indicada para jovens inexperientes na vida sexual. Azevedo (2015) frisa que expressões como “romances joviais” remetiam aos leitores sobre o teor pornográfico da obra.

O romance jovial *As aventuras do Rei Pausolo* circulou entre o nº 1 ao 54 com publicações semanais. Foi o romance mais extenso do jornal entre os que tratavam de questões no campo da sexualidade relacionando com as questões políticas vigentes na época. A história versa sobre as aventuras da personagem “Rei Pausolo”, que vive em um harém com 365 mulheres belas e jovens em uma terra onde a nudez feminina é permitida. O protagonista é

<sup>10</sup> Natalia Peçanha (2013) afirma que a proximidade dos temas artísticos com ao âmbito erótico era uma constante no jornal pornográfico *O Rio Nu*, contemporâneo ao *O Riso*, a presença e associação destas mulheres em uma mesma folha do periódico remete a ideia da época que as atrizes e as prostitutas eram destinados a satisfazer os prazeres libidinosos dos homens, logo, estas não serviam para casar.

associado ao governo Hermes da Fonseca “por sua a prática de atribuir a lei em benefício próprio em busca a manutenção da ordem e de seu poder”. (AZEVEDO, 2015, p.87).

O jornal contava também com quatro seções “carta do leitor”, “caixa postal”, “correspondência”, “sextas e serões” (concurso de charadas) destinado ao diálogo com os leitores. A primeira tinha a função de divulgar cartas eróticas e humorísticas dos leitores, e a segunda a fim de publicar cartas de leitor com pseudônimos humorísticos. A correspondência era correspondências de moda e comportamento escritas em francês feitas por leitoras com domínio de língua francesa (AZEVEDO, 2015). A seção sextas e serões era um concurso de charadas a qual tinha premiação para os vencedores.

*O Riso*, sob o comando do proprietário Rebello Braga, aposta no humor e em fotografia de mulheres brancas, em especial de origem francesa, para atrair o leitor utilizando dos prazeres da carne e bem-estar (humor). A exposição da nudez é explorada pelos territórios da fotografia e gravura. As capas que traziam a fotografia de mulheres nuas, majoritariamente eram utilizadas as cores preta e branca. Os textos intensificavam as abordagens sexuais nas mulheres belas, brancas tipicamente afrancesadas e ridicularizam as mulheres que estão a margem deste estereótipo.

Conforme Azevedo (2015), Rebello Braga também foi proprietário do jornal *O Coiô*, a partir do nº 61 no ano 1902, de circulação bissemanal que tinha como temática o erótico e o humor. O jornal com temática de jogos de azar *O Chico* (1906) foi impresso na tipografia de Rebello Braga, revelando um perfil de um editor que tinha interesse nas temáticas de humor, da pornografia e dos jogos de azar. *O Riso* é considerado como um jornal mais refinado, aprimorado nos temas e com maior tempo circulação em relação aos outros impressos na tipografia Braga. (AZEVEDO, 2015.).

Tendo em vista a conjuntura histórica e o preço da revista, possivelmente o público leitor era majoritariamente formado por grupo mais abastado financeiramente, que não necessariamente fosse uma elite. Pois a maioria dos jornais pornográficos custavam mais caro que os jornais políticos diários. Azevedo (2015) explica que o jornal *O Paiz* (1884-1934), um dos principais jornais políticos de circulação diária, no mesmo período de publicação de *O Riso*, vendia seu exemplar avulso ao preço de 100 réis.

**CAPÍTULO II - OS DOIS CORPOS DA NAÇÃO: O LIBERTINO E O GROTESCO**

**O RISO**



*No banho*

*Despe se toda e, nua inteiramente,  
Minha Alzira de faces cor de rosa,  
Atufa-se na tina de água quente.  
(Oh! feliz água! oh! água venturosa)*

*Toma um cheiroso sabonete e, airosa,  
Mira-se toda, esfrega-se contente,  
De sua carne moça e velludosa '  
E deixa-o percorrer, placidamente.*

*Todo o seu corpo açucenal e breve...  
Uma rosada espuma então lhe desce,  
Por entre os seios trêmulos, de neve,  
Beijando-lhe a cintura alva de fada,  
E desce mais, e agora com interesse,  
Indo morrer-lhe aos pés, embriagada...*

*G. Alencar*

*(O Riso, 19/10/1911, n°22, p.02)*

Buscamos neste capítulo, através do jornal *O Riso*, compreender os enunciados que agiram como educadores da sexualidade masculina, passeando pelos territórios do corpo branco forjado como um corpo libertino e desejado em oposição ao corpo da mulher negra, e assim, criando uma identidade sexual pautado na mulher branca afrancesada que refletia o desejo de um branqueamento da sociedade brasileira no início do século XX.

## 2.1. A emergência do gênero e do Corpo na História

Atualmente, se alguém perguntar qual o estereótipo de mulher é atribuído ao Rio de Janeiro, a primeira imagem que surge em mente são as mulheres negras. Durante muito tempo, as “mulatas”, o “carnaval”, a “feijoada” forjaram uma espécie de cartão de apresentação do que significaria a cultura carioca, ou a “cultura brasileira”. Mas nem sempre foi assim. Ao analisar os discursos formulados pelo jornal *O Riso*, intencionamos também fazer dos corpos, dos discursos sobre a sexualidade espaços para problematização histórica, conforme tem mostrado a historiografia mais recente<sup>11</sup>.

A conjuntura historiográfica de um determinado período está condicionada pelas relações políticas e socioculturais. Assim como a História, o discurso também é fruto do tempo e do espaço, as próprias relações discursivas de uma época estão correlacionadas com as produções narrativas históricas. Para Foucault (2014), a construção dos discursos, enquanto verdades absolutas, está relacionada com as relações de poder que as regem, possibilitando que as ideologias se materializem e os interesses políticos se consolidem.

Por um longo período, a mulher fora excluída da produção historiográfica, porém, os movimentos feministas da década de 1970 acarretaram uma nova maneira de enxergar as mulheres e reivindicando um lugar para a mulher na história vivida e na historiografia. A partir de uma gradativa mudança, as mulheres passaram a ser vistas como protagonistas dos processos históricos.

Gonçalves (2006) afirma que a corrente historiográfica dos *Annales* contribui com a história das mulheres devido à valorização das práticas cotidianas, comportamentos,

---

<sup>11</sup> Ver. PRIORE, Mary Del. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na História do Brasil. São Paulo: Planeta, 2014.; LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.; RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ªed. 1985. Dentre outras referências sobre Gênero, Corpo e Sexualidade na historiografia brasileira.

mentalidades de pessoas comuns e a relação entre os sexos. Em especial, o surgimento da história social foi de extrema importância para a legitimidade do estudo das mulheres porque permitiu a incorporação de novos sujeitos históricos. A emergência dos estudos das relações de gênero desdobra na maneira de conceber os sujeitos que devem ser pensados de formas multifacetadas, pois, o gênero aciona uma identidade do sujeito, mas também sofre influências de outras identidades, como a classe, a etnia, a nacionalidade e etc.

Joan Scott (1990) define gênero como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos que são articuladas através de relações de poder. Logo, o gênero é fruto das construções históricas e sociais dos sexos.

O debate historiográfico em torno do gênero e corpo como frutos de processos culturais e históricos se deve à ampliação das pesquisas no âmbito da denominada História Cultural, que pensa a cultura como um conjunto de significados partilhados, negociados e construídos pelo homem para explicar o mundo, como assim define Sandra Pesavento (2005, p. 15). Segundo ela, esta corrente historiográfica é responsável por 80% da produção historiográfica nacional.

A valorização dos estudos do corpo na história deu-se a partir do momento em que o tema fora pensado como produto das relações socioculturais de uma determinada época, ocupando um lugar na história enquanto objeto de pesquisa, foram consideradas as marcas sociais, as disciplinas e regulamentação sobre o corpo, rituais de interação, as maneiras de olhar. (CORBIN, 2012).

Em *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na História do Brasil* (2014) da historiadora Mary Del Priore, disserta sobre o campo da sexualidade em diferentes períodos na História do Brasil e usaremos as suas premissas como norteadoras. De acordo com Priore (2014), a virada do século XX acarretou uma série de remodelamentos de comportamentos pautados na concepção de modernidade e civilidade: a nudez feminina, a pornografia, a nova estética dos corpos, o corpo feminino a serviço do desejo masculino. Dessa maneira, contribui para pensarmos o campo da sexualidade como integrante de um processo civilizador da modernidade.

Guacira Louro, em seu artigo *Pedagogias da sexualidade*, publicado em 2000, pontua que as diversas construções sociais, que atravessam o corpo têm como objetivo disciplinarizar através várias instâncias do poder, como a escola, para servir a uma ótica de normatividade e anormalidade. Essas pedagogias regulam as práticas sobre o corpo, comportando identidades e marginalizando os transgressores.

De acordo com Foucault (1993), a sexualidade também passou por uma série de transformações refletindo nas concepções sobre o corpo e a sexualidade, assim como também os comportamentos e as práticas culturais. Para ele, a estimulação dos corpos e a intensificação dos prazeres está relacionado com os enunciados postos nas estratégias de saber e poder:

A sexualidade é o nome dado a um dispositivo histórico à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles, das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1993, p.100).

Alguns trabalhos significativos estabeleceram a relação entre a história da imprensa pornográfica e as tessituras do corpo e da sexualidade, ao exemplo dos estudos realizados pelas autoras Peçanha (2013) e Pereira (1997): a primeira, entende que este tipo de imprensa forja uma masculinidade a ser seguido pelos homens que se pretendiam modernos através dos protocolos de leituras. A segunda autora, aponta que a função desses periódicos era a redefinição das identidades sexuais e de gênero. A problemática do nosso trabalho no campo historiográfico é analisar os discursos pornográficos enquanto educativos que tinha o propósito de construir o corpo e sexualidade da mulher branca por meio da ótica da civilidade e higienização.

## **2.2. Mulheres negras: corpos perigosos e as relações sexuais incivilizadas**

Como o corpo da mulher branca e/ou francesa tornou-se o corpo libertino e desejado? Como as mulheres negras, no passado escravocrata eram erotizadas e passaram a ser excluídas do discurso de identidade sexual da modernidade?

As maneiras como um corpo é concebido como desejável está correlacionado com que a historiadora Louro (2000) atesta: as pedagogias de gênero e sexualidade ensinam, moldam e regulam as práticas e desejos sexuais de forma a constituir identidades de gênero e sexualidade, criando um sistema de referência: normatividade ou anormatividade. E as diferentes instâncias, como a imprensa, atuam exercendo essas pedagogias para expor e conduzir como deve ser uma mulher desejável.

O corpo feminino estampado e descrito no *O Riso* remete a beleza, a cor branca e ao erótico. Este corpo era materializado através das mulheres artistas brancas e/ou francesas que eram anunciadas no conteúdo escrito e iconográfico estampadas nas páginas do jornal, fruto de

um contexto histórico que envolve uma cultura baseada no consumismo de produtos ditos ‘modernos’, preocupação sanitária e remodelação dos comportamentos em busca da civilidade.

De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. (LOURO, 2000, p. 11).

Conforme Guacira Louro (2000), as construções da sexualidade e do corpo são tecidas por meio de relações de forças que estão imersas em um contexto propício, isto dependerá de várias questões que envolvem as identidades de raça, classe, religião, nacionalidade. Essas construções sociais da sexualidade obedecem a critérios estéticos, higiênicos e morais.

As mulheres negras excluídas do jornal, quando aparecem são marginalizadas utilizando artificios de associações à incivilidade e ao anti-higiênico. Entendemos, a partir desta análise, que a mulher “negra” se tornou inferior a “mulata”. Sendo que, em raras exceções, a mulher mulata é associada ao prazer e a sexualidade. Abaixo o poema *decepção* assinado por *Pif* que ridiculariza a mulher morena, identificando-a como gorda e anti-higiênica a partir de comportamentos sociais vistos como grosseiros:

No domingo fui vêr a namorada,  
Um pancadão de truz! Gorda e morena,  
De olhos pardos, a testa alta, delgada.  
Nariz fininho e a'bocea assim pequena.  
[..]  
Contente, contentissimo e feliz.  
Dobrei a esquina e vi-a na janella...  
Mettendo um dedo inteiro no nariz.

(*O Riso*, Rio de Janeiro, 26/05/1911, n° 01, p.06)

Na sessão *carta dos leitores*, são publicadas as *cartas do Manuel da Horta*, destinadas a sua *querida Maria*, evidenciando um possível diálogo do leitor com a edição do *O Riso*. Em uma das suas cartas, ele declara que contraiu uma moléstia ao se relacionar com uma mulata.

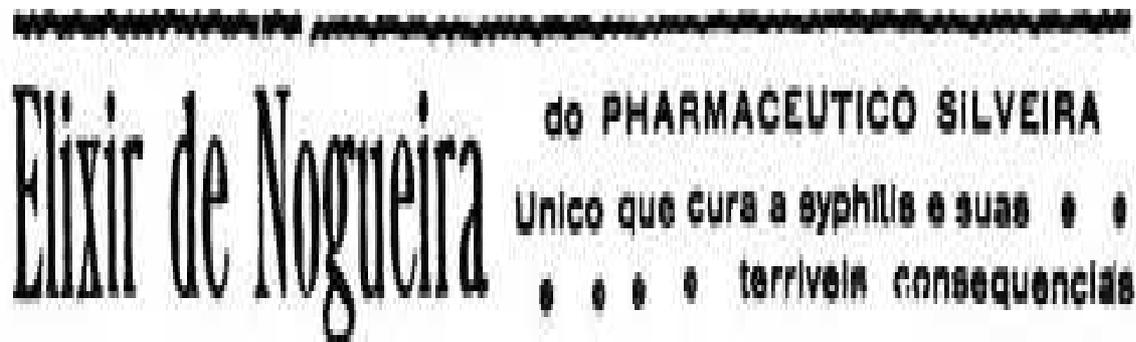
Pur cuanto, inté esta data,  
**Nam tenho tido duença**  
**Assim de maior aquela...**  
**Sómentes, uma mulata,**  
**Qu concedeu-m'a lecença**  
**D'ir dormir na casa della.**  
**Pregou-me um... sim... um deflucho...**  
[...]  
**Disse m'um velho dôitor**  
**Qu'isto é... mulestia de moço . . .**

(*O Riso*, Rio de Janeiro, 24/08/1911, n° 14, p.14). Grifo nosso.

Percebe-se que as mulheres negras serão silenciadas ou representadas como algo jocoso, anti-higiênico e, portanto, mulher perigosa: possuidoras de doenças que preocupam a elite encabeçada do projeto sanitário, urbanístico e modernista no Brasil. Estas mulheres serão as “outras”, silenciadas, marginalizadas e ridicularizadas. Louro (2000) explica que as várias esferas sociais como escola, imprensa, igreja criam e institucionalizam determinadas identidades sexuais, desigualdades e hierarquias arquitetadas nas redes de poder, exercendo a *pedagogia da sexualidade*. Logo, em *O Riso* a mulher negra ocupará o lugar do outro e da anormalidade no campo do corpo e sexualidade.

Em *O Riso* é constante as propagandas de medicamentos que prometem curar as doenças sexualmente transmissíveis como a Sífilis e gonorreia, sugerindo a ideia de um corpo limpo e saudável no contexto do processo de higienização e modernização brasileira. Logo, é evidente que havia uma preocupação em propagar um ideal de homem e mulher civilizado que praticava sexo limpo e seguro. Subentende-se que os homens poderiam usufruir com gozo e proteção sua sexualidade no mundo da prostituição sem correr os riscos de contrair uma doença. No anúncio abaixo, observamos a promessa do *Elixir de Nogueira* para a cura da sífilis:

**Figura 04** - *Elixir de Nogueira*



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 03/08/1911, nº11, Anno I, p.14)

De acordo com Guacira Louro (2000), a sexualidade é construída socialmente e politicamente, gerando identidades sexuais que estão atravessadas por outras identidades como classe, raça, nacionalidade. Inscrito em uma teia de relações de poder, estas identidades sexuais produzem desigualdades e ordenamentos ao proliferar discursos de normatização sexual (homens heterossexuais) e “outros” (mulheres, gays e lésbicas).

A mulher negra foi, no passado colonial, o símbolo das aventuras sexuais. No entanto, no início do século XX, com ascensão da modernidade e a busca de uma identidade republicana

é criado um discurso sobre um novo modelo de mulher lasciva, pautada no ideal de civilização e limpeza: a artista branca e/ou a prostituta francesa. A partir de então, a mulher negra enquanto escrava sexual será lembrada como uma era remota do passado, não reconhecida como objeto de desejo sexual. Como interpretar tais discursos em um contexto marcado pela emergência das teorias raciais numa sociedade caracterizada pelo racismo?

Conforme a historiadora Lilia Moritz Schwarcz (1993), as teorias raciais chegam tardiamente ao Brasil, contudo, foram abraçadas com entusiasmo pelos centros científicos de ensino e pesquisa. Segundo ela, a receptividade destas teorias está imersa em um contexto histórico específico:

O que se pode dizer é que as elites intelectuais locais não só consumiram esse tipo de literatura, como a adotaram de forma original. Diferentes eram os modelos, diversas eram as decorrências teóricas. Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. Para além dos problemas mais prementes relativos à substituição da mão de obra ou mesmo à conservação de uma hierarquia bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania. (1993, p.24).

A civilização e progresso eram as qualificações mais desejadas por uma sociedade, contudo, o Brasil, no âmbito internacional, era identificado como atrasado devido sua composição étnica e racial, por isso, desde o final do século XIX, o desejo da nação brasileira era que “não mais a ‘mata e a selvageria’ deveriam ser a carta de apresentação da nação, mas uma imagem moderna, industriosa, civilizada e científica.” (SCHWARCZ, 1993, p.42). No entanto, fora preciso adaptar as teorias raciais ao contexto social do Brasil, estas teorias justificariam as desigualdades sociais e a mestiçagem não era vista como degeneração, “apostaram em uma miscigenação positiva, contanto que o resultado fosse cada vez mais branco.” (SCHWARCZ, 1998, p.187).

No jornal *O Riso*, a cor negra é sempre associada à inferioridade, a pobreza e em alguns casos, à criminalidade. O trecho abaixo é de uma crônica publicada no *O Riso* em 1911 que conta a história de dois homens negros que raptam uma linda camponesa:

Apesar da cor de jaboticaba madura, dos cabellos de pimenta de reino, dos lábios grossos e dos bigodes de chim do tipo baziliano que por calculo, há já uma meia dúzia de mezes em companhia de um creoulo embarcado, seu primo, se achava hospedado na casa do pae daquela que viria a ser uma heróina das suas diabólicas fantasias. Entre os dois pernesticos homens ficaria acordado o rapto da infeliz camponesa. (*O Riso*, 1911, n.º12, p. 01.).

Logo, percebemos que a cor da pele, no início do século XX no Brasil, ainda era um determinante nas relações sociais, inclusive, no âmbito do corpo e sexualidade. Em *O Riso*, as mulheres negras são marginalizadas em oposição à mulher branca que será exaltada, a passagem a seguir demonstra o tom jocoso das narrativas: “Ela era solteira e chamava-se Bemvinda dos prazeres (parece que hage[n]te que se consola com os prazeres nominaes, assim como as pretas se chamam de claras).” (*O Riso*, 1911, n.15, p. 08.). Em um país marcado pelo longo passado de escravidão negra, que se desdobrava em uma sociedade racista desejosa de alcançar a civilidade e o progresso, estes inspirados nas grandes capitais europeias, eleger o corpo negro como marginal aparece como uma salvação para “limpar” as relações íntimas inter-raciais.

Notemos que a mulher não branca não aparece em nenhuma edição do jornal em fotografias. Em raras exceções, aparecem em ilustrações em que são representadas como velhas gordas e desprovida da estética de beleza materializadas nas mulheres brancas. Priore (2014) afirma que no século XX, a obesidade era sinônima de velhice e feiura. Adjetivos pejorativos como “preta velha” são recorrentes no impresso, em uma tentativa de desprover a mulher negra de beleza e sexualidade. Abaixo a ilustração que demonstra o perfil de mulher negra retratado em *O Riso*:

**Figura 05** - A mulher negra pelos olhos de *O Riso*



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 14/12/1911, nº30, Anno I, capa.)

As relações sexuais inter-raciais eram mal vistas, em especial no *O Riso* era motivo de escárnio. Pois numa sociedade que pretendia ser moderna, civilizada e higiênica (SCOTT, 2013) e que a cor negra era sinônimo de atraso e pobreza<sup>12</sup> devido ao passado recente da escravidão negra no país, a mulher negra fora eleita como possuidora do corpo feio, obeso e velho.

Nos discursos presentes em *O Riso*, as relações sexuais com negras são ridicularizadas e associada à falta de sorte como mostra a passagem do poema *A Conquista Preta*, de autoria de Dom Perninhas, a seguir:

Deitou-lhe ternos olhares,  
 Houve troca de signaes,  
 Uns sorrisos singulares  
 Fizeram com que o rapaz,  
  
 Sem nenhuma gravidade,  
 Se dirigisse a senhora:  
 « Faz favor, minha deidade,  
 Diz-m'o, sim, onde ã que mora ?»

Sem demora uma entrevista<sup>13</sup>  
 P'ra de noite foi marcada.  
 Dez horas !.. .Bella conquista !.  
 Que soberba patuscada!...

Como inglez foi pontual,  
 Estava na casa d'ella,

[...]

Esperou como uma qualquer  
 Lá n'aquela escuridão,  
 Quando um vulto de mulher  
 Lhe pusera no hombro a mão

Foram beijos, palavrinhas  
 Ditos c'uma certa ardência  
 E muitas outras coisinhas  
 Que ponho aqui reticencias

[...]

Riscou logo sem mais nada  
 Um phosporo. Grande azar!...  
 Compr'endeu fora a criada  
 Que acabava de gozar.

(*O Riso*, 1911, n° 28, p. 07).

---

<sup>12</sup> Scott (2013) pontua que as relações sociais eram pautadas nos elementos socioeconômicos e étnicos que desdobrava na valorização da vida burguesa e a discriminação dos arranjos famílias dos setores menos desfavorecidos como negros e pobres.

<sup>13</sup> Constatamos que “entrevista” se refere a uma relação sexual marcada entre um homem e uma mulher.

Na seção *Paulicéa em fraldas...* destinada a informar a população sobre as notícias da semana, através dos informes também é empregado uma série de discursos que revelam as relações de poder: “Foi visto às 11 1/2 da noite atracando<sup>14</sup> uma jaboticaba na P. da Republica o Poláco Pachá. Nem as pretas escapam?”. (*O Riso*, n° 25, 1911, p. 15). A passagem revela o contexto de violência em que as mulheres estavam inseridas, assim como as questões étnico-raciais eram fortes e determinantes na sociedade brasileira na segunda década do século XX. Para *O Riso*, as mulheres negras eram isentas de beleza e sensualidade.

Mary Del Priore (2014, p. 10) assegura que “as relações com a intimidade refletem como os processos civilizatórios modelaram gradualmente as sensações corporais, acentuando seu refinamento, desenrolando suas sutilezas e proibindo o que não parecia decente.”. A maneira como o corpo e sexualidade serão remodelados refletem os aparatos morais e civilizatórios que constroem o campo das relações íntimas regidas pelos homens. Logo, é a partir de um projeto de civilidade que a mulher negra será excluída da categoria das mulheres sensuais e belas, enquanto a mulher branca será eleita como desejável pelo jornal *O Riso*.

### **2.3. As damas da luxúria: civilidade e prazer**

O corpo belo, esbelto, jovem e erótico estava materializada nas mulheres alvas. Para isto, o jornal *O Riso* utiliza os mecanismos discursivos: crônicas, poemas, romances, ilustrações e fotografias e etc., para construir a erotização e sensualização da mulher branca. As imagens das mulheres brancas aparecem, tanto nas capas como no interior do jornal, articuladas aos temas humorísticos e políticos, como atesta a ilustração abaixo:

---

<sup>14</sup> De acordo com o *Dicionário de Bocke* (1903), a palavra atracação- “substantivo próprio de coios. Acção de atracar. Muito usado nas confeitarias com as damas de alta sociedade ou alto bordo. (fig.) coisa feia, que a polícia não quer, mas que as mulheres querem.”

**Figura 06** – Sente-se bem aqui!



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 26/10/1911, nº23, Anno I, capa)

Essa ilustração é acompanhada do seguinte diálogo: “A OLYGARCHIA — Então, meu caro amigo, que diz dessa cadeira ?; R. S. — Que V. Ex. sente-se bem aqui”. A mulher representa a oligarquia e o homem possivelmente um representante do governo pernambucano. A sensualidade e brancura exposta no corpo da mulher explicita mais uma vez quem seria a mulher desejável eleita pelo olhar masculino. O cenário é interessante porque na medida que o homem diz a mulher “sente-se”, aponta com suas mãos sugestivamente para a sua virilha, insinuando o desfecho de uma possível relação sexual. Ao associar política e a pornografia pretendia-se fazer duras críticas ao poder dominante das oligarquias na política brasileira.

Priore (2014) salienta que a fotografia, o cinema e a imprensa pornográfica investiram na nudez feminina porque estas imagens faziam sucesso entre os homens. Podemos dizer que *O Riso* se assemelha do *O Rio nu* ao utilizar as imagens de mulheres francesas nuas que tinha uma finalidade: excitar os homens através do viés sexual dos corpos nus expostos em posições ousadas. Natalia Peçanha ao estudar o jornal *O Rio Nu*, de circulação contemporânea ao *O Riso*, afirma que:

A utilização de uma imagem de origem francesa já nos mostra que a mulher ideal deveria ser aquela que se assemelhasse à estética das mulheres francesas, até porque a França era o berço da civilização e, por conseguinte, deveria ser “imitada”. Assim, para se equiparar a essa civilização era necessário, para tanto, que o Brasil enfrentasse um problema que poderia ser visto como um entrave ao progresso da nação— a mestiçagem. (2013, p. 46)

Portanto, a maneira de olhar o corpo será modificada para servir ao projeto de construção de uma nação moderna e civilizada. Para isto, elegeram a mulher branca e/ou francesa como símbolo de voluptuosidade. Logo, o corpo ganha visibilidade: “O corpo deixa de ter um papel secundário e ganhou animação, em movimento. O lazer, graças aos teatros, festas públicas, feriados com sol e mar, incentivou outros jeitos de exhibir as formas.” (PRIORE, 2014, p.105). Percebemos que há uma preocupação em construir o corpo e a sexualidade da mulher, bem como, molda seus comportamentos até na hora de despir-se para que seja feito de forma graciosa e sensual, como explicita essa passagem na seção *Monoculo* do autor que se identifica pelas iniciais *P. F* do jornal *O Riso*, na edição de 09 de novembro de 1911:

*Ariaz*: A mulher deve obedecer o seguinte programma quando se despir— primeiramente deve tirar as luvas, si as usar, depois o chapéo, o cinto, a saia, a blusa, as saias brancas, a camiseta, as calças, o collete e a camisa. Os sapatos devem ser tirados em ultimo lugar para não se tornar muito difficil. As meias, só devem ser tiradas quando fôr ocasião da dormir, fora d'a hi devem ser conservadas para esconder os defeitos das pernas e a atrophia dos pés.  
A mulher, porém, precisa tornar-se graciosa cada vez que retira de cima de si uma peça do vestuário. (p.06).

A França é representada como o paraíso depravado do mundo com as mulheres mais belas dispostas aos amores sem escrúpulos, livre dos pudores e julgamentos, impressionando alguns conservadores e atraindo os diversos curiosos. “Nada, nada como as francezas, as rainhas do Amor, a encarnação da graça e elegância que caracterizam a mulher sensual e bella. As francezas valem todas as outras mulheres junctas!” (*O Riso*, 1911, n° 10, p.11). Assim, é notável que no jornal *O Riso* há uma conexão entre as mulheres francesas com o conteúdo sexual.

Os traços de requinte estavam nas mulheres francesas e brancas (em especial, a elite) por serem consideradas como graciosas, elegantes e instruídas pelos moldes franceses. Além desses fatores, tinha a cor da pele e o consumo de produtos franceses como elemento distintivo entre as mulheres negras: “[...] a negrada bebeu até bater com o bico no chão. [...] As madamas e o Moreria estavam de dieta, e por isto só tomaram um chocolate e torradas à franceza [...]”. (*O Riso*, ° 13, 1911, p. 17). Essa passagem também pontua que as mulheres consideradas como “madamas”, possivelmente mulheres ricas e brancas, preocupa-se em manter um corpo esbelto e em forma.

O corpo belo, saudável, jovem e sadio será associado à mulher branca do âmbito público como as prostitutas e/ou artistas, em especial francesas. O corpo fora construído estava calcado nas matrizes estéticas que remetiam a juventude: “ELLA— Examine bem e veja si a minha carne é ou não é dura. ELLE— Tão dura que até chega a endurecer a minha. “ (*O Riso*, 1911,

nº 26, p.05). Saúde e prazer estavam associados à beleza e juventude dos corpos femininos. (PRIORE, 2014.). O trecho citado anteriormente, é fruto do diálogo da figura nº 07.

Abaixo, a gravura é composta por uma mulher completamente nua que, ao mostrar seu dorso jovem ao homem, espera que ele confira seus atributos físicos. A cena se repete por diversas vezes nesse jornal, pois inclui sempre uma mulher que exhibe o seu corpo aos olhos de um homem vestido. Este que sempre a olha languidamente. A repetição também ocorre pelo fato dos encontros se darem em ambientes fechados, um quarto ou uma sala; pela representação de um diálogo verbal ou mudo que faz com que o leitor se torne testemunho de algo prestes a acontecer. Neste caso, o leitor também torna-se um cúmplice.

**Figura 07** - Formas abundantes



ELLA — Examine bem e veja si a minha carne é ou não dura.  
 ELLI — Tão dura que até chega a endurecer a minha.

Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 16/11/1911, nº 26, Anno I, p.06.)

Corpo branco, jovem e firme com formas opulentas: seios medianos, quadris e nádegas volumosos. O cenário lembra um ambiente descontraído. O corpo proposto pela imagem está correlacionando juventude, beleza e saúde, pois são estes atributos essenciais para excitar os homens. De acordo com Priore (2014, p. 116): “[...] Ilustrações e charges dão a pista para o gosto masculino em relação as formas femininas. Elas seguiam arredondadas, valorizando quadris e nádegas, seios pequenos e pouco salientes. ”

No trecho do poema *No banho* assinado por G. Alencar publicado em 1911 no *O Riso* fica evidente a associação da cor de pele branca ao corpo jovem, belo, limpo, prazeroso e erótico:

Despe se toda e, nua inteiramente,  
Minha Alzira de faces cor de rosa,  
Atufa-se na tina de água quente.  
(Oh! feliz água! oh! água venturosa)

Toma um cheiroso sabonete e, airoso,  
Mira-se toda, esfrega-se contente,  
**De sua carne moça e velludosa '**  
E deixa-o percorrer, placidamenie.

**Todo o seu corpo açucenal e breve...**  
**Uma rosada espuma então lhe desce,**  
**Por entre os seios trêmulos, de neve,**  
Beijando-lhe a **cintura alva de fada**  
E desce mais, e agora com interesse  
Indo morrer lhe aos pés, embriagado

(*O Riso*, 1911, n° 22, p.02). Grifos nossos.

A ideia do banho repousa na ideia que este corpo além de branco, jovem e belo deveria ser higiênico. Soares Junior (2011) ressalta que o limpo adquire uma conotação de sedução e o banho tem uma relação com a sensualidade na medida em que a sociedade moderna começa a se preocupar com o corpo higienizado:

No que diz respeito ao corpo, o banho total sempre foi a melhor forma de asseio. É nele que o corpo por inteiro é higienizado. A água que escorre pelo corpo durante o banho limpa, hidrata, protege. Afasta a doença, elimina os maus odores, seduz. A sensualidade é parente do ato de lavar-se por inteiro, deixa o corpo pronto para si e para o outro. Os banhos deixam de ser apenas uma medida médica, tornam-se requisitos fundamentais para a higiene, um efeito sedutor, um empreendimento que dá destaque. (SOARES JUNIOR, 2011, p.116).

De acordo com Alain Corbin (2012) a nudez feminina exposta nas pinturas e esculturas intensificou o desejo masculino nos “corpos femininos luzentes de brancura, de palidez ou de rubor” a partir do século XIX. (CORBIN, 2012, p. 213). Estes corpos estavam sujeitos a códigos, e deveriam ser modelados para a apresentação de corpos lisos e depilados. Isto fica explícito em uma passagem de *O Riso* em 1911: “Ella — Dizem que ella tem também muito cabelo. Elle (distrahido) — Qual nada, raspa-o todo...” ( n°24, p. 01). Logo, o corpo liso, depilado, higiênico era o corpo perfeito proposto pela imprensa pornográfica carioca. Na gravura abaixo, podemos ver, através do humor e um jogo de palavras, que o corpo com pelos causa repugnância por ser considerado anti-higiênico e, conseqüentemente, feio.

Figura 08 - Algo muito cabeludo!



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 21/09/1911, nº18, p.05)

Observamos também que através de poemas, romances e propagandas de medicamentos, principalmente os remédios que prometiam sanar as enfermidades sexualmente transmissíveis, mostrando que havia uma preocupação em propagar um ideal de um corpo e um sexo civilizado e higiênico. Pois, para concretizar o projeto de modernização, civilização e higienização no Rio de Janeiro era necessário remodelar os corpos das mulheres com o intuito de “livrar os corpos das doenças, promover a disciplina alimentar numa palavra, controlar os corpos não apenas para bem administrar uma cidade, mas, igualmente, para obter mais saúde e prazer” (SANT’ANNA, 2006, p. 04).

A mulher saudável é um requisito para pertencer a categoria das mulheres libertinas e civilizadas. Tratava-se de ser bela, sensual e sadia. Pois, a saúde da mulher era a garantia de um prazer sexual satisfatório e seguro: “já estava quasi às portas da morte, quando uma creatura bondosa me aconselhou o uso do *Mucusan*. Foi água na fervura: adquiri as força-; perdidas e, hoje, eis-me de novo entregue ao prazer.” (*O Riso*, 18/01/1912, nº 35, nº04). Logo, estar sadio era também um predicado da sensualidade libertina.

Este embaralhamento discursivo tinha o objetivo de criar/inventar uma *masculinidade forjada*<sup>15</sup> calcado no desejo de branqueamento resguardado com véu da civilização e da

<sup>15</sup> (LOURO, 2000).

higienização na capital federal. Instituído o sexo heterossexual entre homens e mulheres brancas e francesas como normativo para as finalidades libidinosas.

**CAPÍTULO III - FRONTEIRAS ENTRE O LEITO CONJUGAL E A  
SEXUALIDADE PERMISSÍVEL: SENHORAS DO LAR E *ELLAS***



*Lei natural*

*Terminado o casamento,  
Cheio de contentamento  
Segue p'ra casa a noivinha;  
Chegando em casa coitada,  
Toda nervosa e acanhada  
Vae se despindo sósinha...*

*Nisto aparece o marido,  
C'um camisão tão comprido  
Que a coitadinha espantou.  
Depois nervosa e chorando  
La foi a noivinha entrando  
Naquillo que nunca entrou.*

*Antonio Jarceno.*

*(O Riso, 12/10/1911, nº 21, p.14)*

Buscamos neste capítulo, através do jornal *O Riso* compreender os enunciados discursivos que construirão o corpo e a sexualidade das mulheres libertinas e da mulher casadoira. A mulher libertina definida como um corpo de desejo permitido para os prazeres sexuais por meio da ótica da sexualidade permissível, e o corpo da mulher casadoira construído como propício as finalidades procriadoras através do ideal de casamento saudável.

### 3.1. Senhoras do lar e para o lar: virtuosas, meigas e dóceis

Os diversos setores da sociedade brasileira almejavam o progresso e a civilidade, no entanto, para reafirmar os antigos lugares sociais da mulher enquanto esposa recorreram a discursos higienistas ao pontua que o casamento deveria ser sinônimo de amor e higiene para gerar filhos saudáveis. (SCOTT, 2013). Além de esposa afetuosa, saudável, passiva e recatada, deveria estar também atenta a saúde da sua família a fim de garantir um casamento próspero e uma prole saudável.

Podemos observar que por meio de *O Riso*, a elite intelectual masculina disseminava-se uma série de discursos sobre o perfil ideal de esposa. “A esposa, por sua vez era uma bôa creatura. Bem educada, honesta, meiga e sobretudo dedicava-lhe grande amizade. [...] a esposa era o modelo das esposas.” (*O Riso*, nº26, 1911, p.04). Esperava-se que as esposas fossem condescendentes, pacientes e amorosas, só assim o casamento seria harmonioso: “O respeito mútuo e a amizade condescendente são sempre bases melhores que os arroubos de prazer. A ‘boa esposa’ faz tudo para manter o relacionamento nos trilhos.” (PINSKY, 2013, p. 487.).

Em uma de suas publicações, o romance *As aventuras do Rei Pausolo*, apresenta a história do Rei Pasoulo, que vivia no reino Tryphemia, com 365 rainhas e tinha uma filha chamada Aline. Este reino era representado como a terra da nudez feminina e liberdade moral. As mulheres tinham como vestuário favorito: “[...]um lenço amarello na cabeça e chinellinhas azues nos pés e todo o resto do corpo nú.” (*O Riso*, 1911, nº 1, p. 15). As mulheres consideradas feias tinham serias punições: eram obrigadas a usarem máscaras, no entanto, se tivessem o corpo jovem poderia andar despida, caso o contrário eram obrigadas à ficarem vestidas. Em um diálogo entre Gilles e Rei Pausolo fica nítido a tentativa de associar o Reino de Tryphemia ao requinte francês:

- Reparou, senhor, tomo os Tryphemêus te parecem com os francezes?
- Que pergunta futil Com quem querias que elles se parecessem? Não sabes que são uma raça mixta; são da raça gallio-romana.

Sim, mas não é isso que eu queria dizer. Vim de Paris, crendo encontrar aqui um meio inteiramente novo. Fizestes uma revolução completa, proclamando a liberdade moral... (*O Riso*, 1912, nº 39, p. 17).

A princesa Alina é descrita como a mulher mais bela *Tryphemiana* como podemos observar na descrição minuciosa: “A branca Alina[...] tinha os cabellos loiros, a pelle alva com alguns tons roseos, narinas dilatadas e lábios delicados. [...] Os seios, muito novos, conservavam um frescor delicioso.” (*O Riso*, 1911, nº04, p.15). Porém, por proibição do seu pai, ela não pode andar nua como as demais mulheres. Isto repousa na distinção das senhoras de “boa família” e as mulheres libertinas, pois o rei ao usufruir do poder em benefício próprio protegeu a honra e reputação da filha, e em contrapartida é casado com 365 rainhas e podendo olhar o corpo belo e jovem de todas mulheres do reino.

Logo, em o jornal *O Riso* é perceptível a preocupação com a honra e a reputação das senhoritas e senhoras, reafirmando o lugar da família como protetoras das moças, e também do esposo como beneficiado da virgindade dos belos e reluzentes corpos jovens. Ao casar, o homem se tornaria “dono legal”<sup>16</sup> da mulher. A bolinagem<sup>17</sup>, termo usado para designar os namoros e seduções às escondidas, era um perigo para a honra:

A bolinagem impera de modo assombroso por todos os recantos desta urbs. **Qualquer senhorita que ouse sahir á rua sem o braço forte de um cavalheiro, não está livre de ser baleada num tiro de convites baratos para uma tournée pelo Campo de Sant Anna**, ou a umas tantas vivendas edinas que aformoseam. O becco do Joaquim Silva, lá para as bandas da Lapa.

[...]

O Binóculo grelou os marrecos sem umn palavra de protesto aos collegas. As suas botas de verniz, o seu monoculo, as suas polainas, **não conseguiam impedir que uma senhora solteira e recatada fosse cantada em duas claves por dois moços bonitos.** (*O Riso*, 1911, nº 13, p.04). Grifos nossos.

Ao revelar o âmbito público como perigoso para as mulheres, reforçavam que estas deveriam ficar no recinto privado, saindo apenas em companhias de figuras masculinas confiáveis. De acordo com Cipriano (2002) os lugares públicos eram vistos como um perigo a honra da família, em especial, por ser associado a uma esfera propícia ao adultério feminino. “Sua mulher por sua vez, aproveitou bem aquella liberdade que o marido lhe dava e saracoteou pela cidade a valer, namorando aqui e ali [...]”. (*O Riso*, 1911, nº31, p. 6).

De acordo com Pinsky (2013) por meio da ótica do casamento saudável, a esposa torna-se responsável por assegurar um lar e família saudável. Essa obrigação de cuidado com os

<sup>16</sup> (*O Riso*, 1912, nº41, p. 04)

<sup>17</sup> Bolinar: “ verbo transitivo de sensação oculta. Sentar junto, encostar o joelho, roçar, sentir um tremelique. Alguns sentam no banco de traz, abrem A Notícia e bolinam no posterior. Ha moças que gostam e até provocam. Muito usado nos bonds de Jardim Botânico e companhias adjacentes. ” (BOCKE, 1903, p. 12).

“corpos sadios” também é presente em *O Riso* através de diversas propagandas de medicamentos:

**Figura 09** - O *Mucusan*



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, nº32, 04/01/1912, Anno II, p. 11.)

*Mucusan* era uma injeção que prometia curar os sintomas de resfriamento, que era chamada de “pingadeira” ou “esfriamento”. “[...] o *Mucusan* que é o específico predilecto de toda gente fina.” (*O Riso*, 1912, nº 45, p.03). Por meio dessas propagandas percebemos que ser limpo e saudável é sinônimo de modernidade e refinamento. Na gravura acima, a esposa é punida por não cuidar do seu corpo, explicitando as obrigações com a saúde e as relações violentas postas no leito conjugal. O homem é representado como um dono do corpo de sua mulher para ama-lo, puni-lo e gerar prole.

As propagandas de medicamentos e cosméticos que prometiam sanar as doenças e manter um corpo limpo e cheiroso<sup>18</sup> irão associar os seus produtos aos deveres das mulheres enquanto esposas. Nessas duas propagandas abaixo, podemos observar a figura da mulher como zelosa da saúde ao segurar uma dose de medicamento, que possivelmente irá tomar ou dar alguém. No segundo anúncio, notamos que a esposa está com um corpo devidamente vestido e

<sup>18</sup> Sobre essa questão, ver: (SOARES JUNIOR, 2013).

não solta a vassoura, associando o cuidado com a saúde e os deveres domésticos como obrigações da esposa.

**Figura 10** - Mulher e saúde



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 18/01/1912, nº35, Anno II, p.15)

Os discursos higienistas pregavam um casamento saudável que, por sua vez, repousava na preservação dos laços afetuosos entre o casal, e gradativamente, os cuidados da esposa com o corpo, pois isto resultaria em prazer moderado e seguro nas relações sexuais (PINSKY, 2013). Em *O Riso*, na seção *O Nu' artístico: confissões de uma mulher nua*, é pregado um nu casto e sereno como forma de valorização feminina. No trecho abaixo, notamos que o discurso não é apenas dirigido às mulheres artistas, mas também é direcionado às mulheres honradas por defender um “despudor controlado”: “Para realizar a suprema beleza a mulher deve apresentar-se nua, mas simplesmente nua sem atitudes pretenciosas ou excitantes.” (*O Riso*, 1911, nº2, p.03). Logo, a mulher casada não deveria ter uma vergonha exagerada ao despir-se para o marido desde que mantivesse uma postura casta e serena.

Acompanhadas dessas descrições de despudor controlado, é indicado uma série de cuidados para manutenção da beleza dos corpos, que atravessavam a estética da beleza moderna: corpo limpo, cheiroso, jovem, exercitado e sadio. Pois, saúde é sinônimo de prazer. (PRIORE, 2014.).

Nunca usar espartilho, em caso algum, nem vestidos que comprimam o corpo, nem sapatos apertados. Respirar livremente é cousa essencial. Banhos quotidianos com a temperatura do corpo; applicações frias sobre os seios e fricções de água da colônia. Nada mais. Nem massagens, nem cremes de espécie alguma. Somno regular, vida calma, cem muitos passeios a pé, de tempos a tempos um pouco de equitação e banhos de mar o mais que fôr possível. Alimentação solida e poucos líquidos...  
 Nunca beber cerveja. Só isso, mas rigorosamente observado.  
 Eis um manual muito simples para conservar a plástica perfeita. (*O Riso*, 1911, nº02, p.04).

Desse modo, os diversos mecanismos de poder recomendavam e regulavam minuciosamente os saberes e cuidados sobre o corpo investindo no discurso da higienização e saúde do corpo, pois ser limpo e saudável também era de ser símbolo de moderno e civilizado. “A imprensa tornou-se um meio diligente que se dispôs a produzir e socializar um saber mais restrito e a prescrever regras, condutas e valores que circulavam em meios ditos civilizados.” (SOARES JUNIOR, 2011, p.136).

Logo, as mulheres consideradas honradas deveriam se preocupar com a beleza, saúde e juventude de seus corpos. Através do jornal *O Riso* a infidelidade masculina era justificada principalmente quando as mulheres ficavam idosas e feias. Além disso, a rotina conjugal também era vista como empecilho ao convívio entre casais:

Velhinha, pobre e... dispéptica,  
 O' minha Musa adorada,  
 Não prestas mais para nada,  
 Não vales mais... um tostão !..  
 Talvez, devido ao convívio,  
 Que sempre has tido, commigo,  
 Eu —francamente, te digo:  
 — Perdí, já quasi, a... razão...

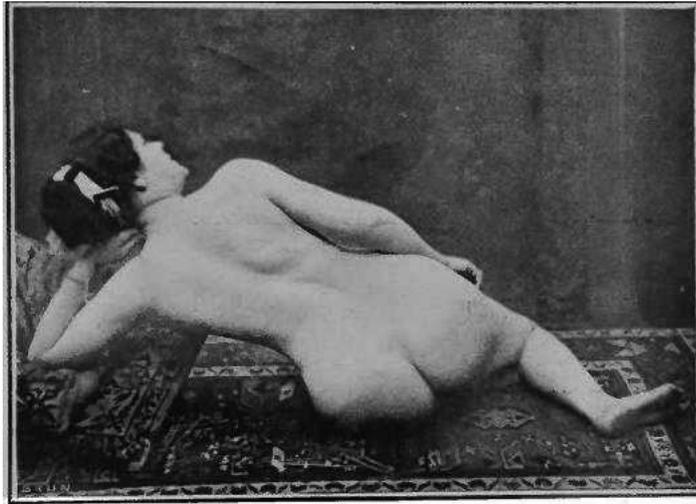
(*O Riso*, 1911, nº 32, p. 01).

A passagem acima evidencia os valores empregados para a esposa. Se ela envelhece e a relação torna-se fadigosa, não tem mais importância para o marido. De acordo Priore (2014), a mulher velha está associada a feiura e obesidade, valores depreciativos da mulher do início do século XX. Frisamos que a velhice também está associada a falta de saúde, e nesse contexto, a saúde era um requisito fundamental da mulher, é tanto que os médicos higienistas aconselhavam as mulheres a cuidarem de si para permanecerem belas, fortes e saudáveis<sup>19</sup>. A passagem acima é acompanhada da seguinte fotografia:

---

<sup>19</sup> (PRIORE, 2014).

Figura 11 - Beleza e juventude



### CHRONIQUETA

Velhinha, pobre e... dispéptica,  
 O' minha Musa adorada,  
 Não préstas mais para nada,  
 Não vales mais... um tostão!...  
 Talvez, devido ao convívio,  
 Que sempre has tido, commigo,  
 Eu — francamente, te digo?  
 — Perdi, já quasi, a... razão...

Um d'elles — um mais que célebre,  
 Archi-genial demagogo  
 Ouviu-me, e disse: Até logo...  
 Eu vou alli... já me venho...

Oh, profissão mais que insípida,  
 A de um chronista brejeiro...  
 — A's vezes... sempre, o dinheiro,  
 Nos bolços, tendo... á tirar:  
 Vê-se obrigado, esse misero,  
 A' fazer rir... Que remedio!...

Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 28/12/1911, nº 32, Anno I, p. 01)

Uma passagem textual que deprecia a esposa velha na mesma página em que aparece uma fotografia de uma mulher branca, jovem e bela nos parece como uma sugestiva alternativa para o homem que estava 'cansado' da sua esposa procurar satisfazer seus desejos em um corpo mais jovem.

A fidelidade do esposo não é contrapartida da sua (esta sim obrigatória). A afinidade sexual entre os cônjuges não é fundamental. Importar mesmo é constituir família, crescer e multiplicar. A 'boa esposa' não foge ao 'dever conjugal', que levará a ser mãe — realização plena da feminilidade —, de filhos legítimos, claro. E não se importa se o marido satisfazer seus incontroláveis desejos de macho nos braços de outras. Amor contido, regrado, higiênico é o do leito conjugal. (PINSKY, 2013, p.487).

A fidelidade masculina não era uma obrigação, pois conforme a moral vigente, o esposo poderia ter relações extraconjugais. No entanto, Segundo Cipriano (2002, p.05), o adultério feminino era condenado e até criminalizado, pois a esposa deveria ser "guardiã do lar e da família".

Observamos em *O Riso*, diversos artigos, crônicas e romances a respeito do adultério feminino. Nesses discursos são disseminados uma série de estereótipos à mulher adúltera. A mulher era vista como fútil e de uma sexualidade indomável, além disso como prostituta pelo fato da prática de adultério feminino ser vista como uma maneira de ascensão financeira. A questão da beleza aparece associado ao adultério: "As duas amigas estavam a conversar na sala

de uma dellas. A mais velha era alta e feia; a mais moça era baixa e bonita. A feia era a que não enganava o marido e estava de visita á mais bonita que tinha culpa no cartório.” (*O Riso*, 1912, nº 35, p.05).

O adultério feminino assombrava o ideal da família feliz e saudável, pois a fidelidade repousava na garantia de ter filhos legítimos e saudáveis. Em *O Riso*, o adultério feminino aparece como uma degeneração: “Minha mulher é doente, tem a mania do adultério. Já consultei vários médicos e elles constataram a sua degenerescencia.” (*O Riso*, 1912, nº46, p.06). Abaixo na gravura, notamos uma mulher bonita e jovem coberta com um lençol que deixa os seios amostra. Um quarto, com uma cama desarrumada insinuando uma possível concretização do ato sexual, o homem rapidamente foge pela janela, ao ouvir o esposo bater na porta:

**Figura 12** - O adultério feminino pelos olhos de *O Riso*



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 04/04/1912, nº 46, Anno II, p. 05)

Compreendemos que o lugar social da mulher repousava no recato, afetuosidade e submissão, pois, eram os predicados de uma “boa esposa”, principal destino das mulheres no início do século XX. Isto também serviu como uma separação entre as fronteiras sociais entre as mulheres respeitáveis e as libertinas: destinada as finalidades procriativas e a satisfação dos desejos sexuais, respectivamente.

### 3.2. *Ellas*: belas, libertinas e civilizadas

A mulher libertina deveria atender os desejos sexuais dos homens, já que estes eram impedidos de realiza-los no leito conjugal. No entanto, essas mulheres deveriam atender uma série de critérios para adentrar ao campo da sexualidade permissível e civilizada: bonita, branca, jovem, saudável e refinada. De acordo com May Del Priore (2014) no início do século XX influenciado pela estética do âmbito artístico — em especial a imprensa e o cinema—, surge um modelo de beleza pautado na robustez, juventude, esbelteza e saúde do corpo, excluindo as mulheres idosas e obesas.

Para tanto, o jornal *O Riso* utiliza de diversos mecanismos discursivos para legitimar o discurso de libertinagem civilizada para certas mulheres. Na seção *Ellas*, é fornecido ao leitor uma fotografia e uma descrição, assinada por *Pedro e Paulo*, das mulheres do *meio mundano*<sup>20</sup>. De acordo com o *Dicionário de Bocke* (1903, p.20-21), *Ella* significa: “prônimo gostoso como maná do céu. A mulhersinha querida, a ella d’elle, a cachopa. Aquella cuja fonte se bebe o néctar do amor. <<a minha ella>>—modo de nomear a eleita.” A partir da edição nº 6 do *O Riso* é fornecido aos leitores um álbum de fotografias de mulheres nuas, denominado *Suplemento d’O Riso*. Ressaltando que essas mulheres pertenciam ao âmbito artístico ou da prostituição.

Essas descrições falam de mulheres libertinas consideradas belas e perfeitas para aventuras amorosas, em especial artistas e as lascivas. Graciosa dos Anjos, portuguesa naturalizada é apresentada por *Pedro e Paulo* na edição nº30 de *O Riso* em 1911:

Representa um conjuncto de perfeições. **De uma plástica impecavel e perturbadora revive a belleza paga das mulheres antigas.**

**Loira, desse loiro alacre dos trigaes, insinuante e meiga, a vida lhe tem sido uma farta mésse de triumphos.** Na quadra primaveril dos vinte annos, gósa os enlevos de uma juventude feliz, aureolada de sonhos e de amores. Nasceu nas terras de Portugal e para aqui veio bastante creança.

**Cedo transviou-se para attender ás exigências do temperamento irrefreável que lhe dtmarcava uma estrada mais espinhosa, porém mais linda que os preconceitos absurdos da virtude**

**Hoje é uma flor preciosa do vicio elegante.** Ha na sua voz crystalina que echôa como um gorgeio, a tentação nefasta das sereias. Nos seus, olhos pequenos e travessos, espelha-se-se-lhe a alma que é feita de voluptuosidades. (*O Riso*, 1911, nº 30, p.14.). Grifos nossos.

---

<sup>20</sup> (*O Riso*, 1911, nº 27, p. 03).

A referência de “vício elegante” está associada a uma sexualidade permissível, normativa e civilizada favorecida pela sua condição de mulher branca e jovem. Graciosa se insere na vida libertina por possuir uma personalidade forte que não combinariam com a de uma esposa ideal. Esta passagem evidencia os territórios do corpo e sexualidade atravessados pela ótica da normatividade<sup>21</sup> voltada para a mulher lasciva.

Graciosa dos Anjos detém um desprezo pelo amor que a torna ideal para o âmbito do sexo libertino: “Faz do amor uma idéia vaga, transitória, superficial”. (*O Riso*, 1911, n° 30, p.14.). Além disso, a sua beleza é situada como distinta pelo seu corpo lascivo e escultural:

O galanteio não a envaidece: aceita-o naturalmente com um sorriso simples e ingênuo que sempre lhe enflora os lábios mimosos e vermelhos; Resume, na synthese admirável da carnação lasciva, as linhas primorosas de uma escultura egrégia. (*O Riso*, 1911, n° 30, p.14.).

Geralmente as descrições da seção *Ellas* são acompanhadas de fotografias com as mulheres vestidas, tecendo um enredo de sensualidade e erotização da mulher branca através dos mecanismos discursivos. Estas fotografias da seção *Ellas*, são diferenciadas por serem composta por mulheres vestidas. A descrição textual seria uma forma de erotização através da palavra. Isto seria uma estratégia para provocar a imaginação do leitor? A seguir a fotografia de Graciosa dos Anjos:

---

<sup>21</sup> (LOURO, 2000).

**Figura 13** - Graciosa dos Anjos



**Graciosa dos Anjos**

Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 14/12/1911, nº30, Anno II, p.14)

Além das descrições textuais, tinha uma fotografia da mulher retratada. A fotografia servirá como uma demonstração da beleza libertina. Graciosa dos Anjos está trajada elegantemente com um vestido de mangas longas e com um chapéu refinado, e parece estar segurando uma bolsa. Sua postura é pensativa e graciosa.

Na publicação de nº 27, 23 de novembro de 1911, *O Riso* traz a figura de Maria das Neves como rainha da beleza e graça. Descrita como possuidora de uma sedução no amor libertino, seduzindo homens através do seu olhar dominador: “faz -Vibrar com maior intensidade os corações daquelles que já lhe gosaram os encantos ou se deixaram levar pelas convencionaes promessas dos seus lábios enganadores.” (*O Riso*, 1911, p.03). Diferente das mulheres honradas, Maria das Neves é descrita como uma mulher de uma personalidade rebelde e uma independência, fazendo com que esta almejasse o prazer:

Das nossas patricias, é o typo mais perfeito de mulher bohemia ; de uma indiferença que aterra, com um temperamento por demais rebelde é uma independência que é a maior característica do seu incomprehensivel temperamento.

[...]

Na sua livre existencia, desde o seu apparecimento no nosso meio mundano, tem tido como principal objectivo o goso, não enxergando nunca, naquelles para os quaes os seus olhares se voltam com sympathia, os interesses que lhe possam advir; mas sim, a sensação de vel-os em chorosos madrigaes, logo aos primeiros embates, presos' aos innumerables encantos dos seus dotes naturaes. (*O Riso*, 1911, nº 27, p. 03).

Podemos entender que isto era uma forma de distinguir as mulheres honradas e as mulheres libertinas, pois era inadmissível para uma figura feminina que pretendia se casar ou era casada ter comportamentos ousados e desobedientes com a moral estabelecida da submissão, virtude e condescendência. Logo, a ousadia, a rebeldia, a desobediência e a independência eram características das mulheres do âmbito privado.

Benedicta Maria do Carmo é exposta como uma jovem alegre, robusta e voluptuosa. Apreciada também pela sua beleza e distinção na arte de se vestir. Isto demonstra que as mulheres libertinas também deveriam trajasse elegantemente, pois isto era sinônimo de ser moderno e civilizado. “Fez do peccado a escala rápida e fácil para as amorosas conquistas. Sabe trajar-se elegantemente e, melhor ainda, tirar partido das afeições que lhe asseguram e que as desdenha habilmente.” (*O Riso*, 1911, nº 32, p.09).

Conforme Priore (2014) as imagens da nudez feminina a partir de 1910 torna-se comum na imprensa pornográfica, frisando que as imagens apenas sugeriam possíveis relações sexuais, em uma tentativa de provocação ao leitor. Nas fotografias eram o fotógrafo que elegia o desejo, por isso o apreço pela carnação opulenta dos corpos das jovens fotografadas.

Abaixo uma das fotografias que inaugura o álbum de fotografias de mulheres nuas, *Suplemento d'O Riso*, na edição nº06 em *O Riso*. Uma mulher jovem, bela e branca com seu corpo nu, um olhar despreocupado e um sorriso cativante parece convidar o espectador a sua cama para usufruir de sua carnação jovem e branca.

**Figura 14** - O corpo desejável



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 29/07-1911, Anno I, p.10)

Na fotografia a seguir a jovem branca aparece mais ousada, ela levemente empina o bumbum apoiando-se em uma cadeira, com seu olhar em direção ao espectador convida-o a apreciar seu corpo abundante e reluzente. E quem sabe, até sonhar com possíveis noites de prazer?

**Figura 15** - Beleza e prazer em *O Riso*



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 03/08/1911, n°11, p. 12)

As fotografias insinuam qual perfil de mulher o olhar masculino estar elegendo como desejável. De acordo com Susan Sontag (2004) as fotografias são interpretações da realidade que modificam nossas ideias sobre o que é importante ver, atribuindo novos significados por meio dos códigos visuais, realizando o ato de educar. Assim, as imagens fotográficas nos mostram a novidade e contribui para o desenvolvimento de um novo código de valores sobre o objeto retratado. Além de educar, as fotografias também controlam e vigiam.

Logo, podemos observar que *O Riso* por meio dos enunciados elegera o corpo da mulher branca e jovem como civilizado para as práticas da sexualidade permissível. A fotografia na função de educar e vigiar, frisava através dos jogos de olhares e aparatos físicos que essas mulheres tinham os atributos para atrair e despertar o prazer sexual civilizado nos homens.

A partir desses enunciados presentes em *Ellas e Suplemento d'O Riso*, podemos observar um perfil de mulher libertina legitimada pelos mecanismos discursivos presente em *O*

*Riso*: juventude, robustez (saúde), beleza, sedução e elegância eram elementos fundamentais para uma mulher do âmbito privado pertencer a sexualidade libertina e civilizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final desta monografia que apresentou um estudo sobre os discursos acerca do corpo e da sexualidade feminina no Jornal *O Riso* (1911-1912). Para tanto, não quer dizer que as inquietações e interrogações sobre o tema findaram, pois continuaremos nos trilhos da pesquisa historiográfica por considerar necessário aprofundar as discussões sobre os discursos que atravessam as relações de gênero e poder presente em no jornal citado.

Enxergamos o projeto de modernização, civilização e higienização no Rio de Janeiro também como uma necessidade de remodelar os corpos das mulheres. As mulheres negras são excluídas dos discursos de erotização, pois é preciso apagar o passado colonial em que estas eram as escravas sexuais, para que a construção uma história de uma sexualidade branca e civilizada seja legitimada. Em oposição a mulher negra, surge a mulher branca e/ou de origem francesa com uma série de características civilizadas e higiênicas: corpo saudável, robusto, jovem, belo e branco; além deste corpo belo, teria ela que ter um refinamento das condutas e ter poder aquisitivo para consumir os produtos considerados modernos.

A jovem casadoira ou mulher casada deveria estar atenta ao cuidado com seu corpo para permanecer jovem e saudável, pois isto era uma garantia de um casamento saudável e filhos sadios. Além de jovem e saudável, a mulher honrada deveria ter uma educação que lhe conduzisse a comportamentos dóceis, virtuosos e condescendentes. As mulheres do âmbito privado eram descritas como ousadas, independentes e sedutoras. No entanto, estas mulheres também deveriam obedecer aos critérios da sexualidade permissível civilizada: jovem, bela, branca, saudável e refinada. As características como alegre e sedutora aparecem como predicados mais particulares que poderiam despertar mais prazer masculino.

Pensamos os enunciados sobre gênero, corpo e sexualidade presente nas fontes consultadas como integrantes das relações de gênero e de poder por meio de um contexto em que a sociedade almejava progresso, modernidade e civilidade pautada nos moldes franceses. Através desses enunciados, percebemos um desejo de que os territórios do corpo e sexualidade feminina passassem por uma série de transformações para alcançar o refinamento e a civilidade, bem como, estabelecer as fronteiras morais e sociais, para separar as mulheres desejadas e as mulheres não desejadas.

## FONTES

O dicionário moderno de *Bocke*<sup>22</sup>(1903). Rio de Janeiro.

*O Riso: semanario artistico e humorístico*<sup>23</sup> (1911-1912). Rio de Janeiro.

*O Rio Nu: periódico semanal caustico humorístico*<sup>24</sup> (1911-1912). Rio de Janeiro.

---

<sup>22</sup> Disponível em: PRETI, Dino. Apêndice: o dicionário moderno, de Bocke. In: \_\_\_\_\_. **A linguagem proibida:** um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

<sup>23</sup> Disponível no acervo *online* da *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6812>>. Acesso em: 03 de dez. 2018.

<sup>24</sup> Disponível no acervo *online* da *Biblioteca Nacional do Brasil* através da plataforma da Hemeroteca digital: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706736&pesq=mulher&pasta=ano%20191>>. Acesso em: 03 de dez. 2018.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Natanael Duarte de. **Trajetórias pornográficas: O Riso pronto para o ataque, uma história dos jornais eróticos brasileiros.** (Tese de doutorado). João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8246>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- BARBOSA, Marialva. Jornais em tempo de mudança. In: \_\_ **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 117-140.
- BARBOSA, Marialva. Tecnologias do novo século (1900-1910). In: \_\_ **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p..21-48.
- CARVALHO, Marina Vieira de. A ficcionalização do desejo: o erotismo e a pornografia como objetos de consumo na modernização da cidade do Rio de Janeiro. **Revista Transversos. “Dossiê: O Corpo na História e a História do Corpo”.** Rio de Janeiro, Vol. 05, nº. 05, pp. 43-60, Ano 02. dez.2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: as artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cesar de Castro. (org.). **Roger Chartier, a força das representações: história e ficção.** Chapecó, SC: Argos, 2011, p. 30-31.
- CIPRIANO, Maria do Socorro. **A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX.** (Dissertação de mestrado). Campinas, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/278886>>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: Martins, A. De Luca. T. (org.). **História da imprensa no Brasil.** 2 ed. São Paulo: contexto, 2015.
- CORBIN, Alain. O encontro dos corpos. In: CORBIN, A. et al. (Org.). **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra.** Tradução de João Batista Kreuch e Jaime Clasen. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.181-266.

CRESPO, Jaqueline Jiora. Rio: a cidade orfã de capital. In: **anais do 3º Encontro de Pesquisa em História: Historiografia e Fontes Históricas Graduação em História**. Bauru, SP: 2015. Disponível em: <<https://www.usc.br/custom/2008/uploads/wp-content/uploads/2016/09/16.-JACQUELINE-JIORA-CRESPO.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar. In: NOVAES, Adauto. (org.). **Libertinos Libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 21-42.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Valéria. *Os faits divers* na imprensa do Brasil e da França. In: \_\_ (org.) **Transferências culturais: o exemplo na França e no Brasil**. Campinas: mercado de letras; São Paulo: edusp, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_ (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

NOVAES, Adauto. Por que tanta libertinagem?. In: \_\_ (org.). **Libertinos Libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 09-20.

PEÇANHA, Natalia batista. **Regras de civilidade: tecendo a masculinidade do smart nas páginas d'O Rio Nu (1898-1916)**. (Dissertação de mestrado). Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=152747](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=152747)>. Acesso em: 05 mai. 2018.

PEREIRA, Cristiana Schettini. **Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)**. (Dissertação de mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1997. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/281169/1/Pereira\\_CristianaSchettini\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/281169/1/Pereira_CristianaSchettini_M.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: autêntica, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C., PEDRO, J. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto, 2013, p.469-512.

PRIORE, Mary Del. **Histórias e conversas de mulher**. 2. Ed. São Paulo: Planeta, 2014.

PRIORE, Mary Del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. (2. Ed. São Paulo: Planeta, 2014.

RAGO, Magareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmem (org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 3-24.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: Novais, Fernando A. (Coord.)/. **História da vida privada no Brasil República: contraste da intimidade contemporânea**. Vol. 4, São Paulo: Companhia das letras, 1998, p.173-244.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: companhia das letras, 1993.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C., PEDRO, J. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto, 2013, p.15-42.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e realidade: mulher e educação**. Vol. 15, n. 2 jun/dez 1990.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (dir.). **História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do rádio**. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 513-620.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos hígidos**: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924). (Dissertação de mestrado). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6040/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.